

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

GAPA		A ESCOLA	
Programmas de ensino		Cruz de Malla.....	
IDÉAS E FACTOS		Licções sobre synonymos	
—	Politica de instrucção publica	Idéas aiheias...	
	O ensino da historia.	LIÇÕES E EXERCICIOS	
Marianna Ernestina Correia...	A escola primaria em Minas	Zulmira.....	Lingua materna
P. A. Pinto.....	Notas de historia patria	D. C.....	Arithmetica
	O principio de nossos abolicionistas	Ruth-A. Rebello.....	Sciencias phisicas e naturaes
	D. João VI e o ensino primario		
	Bibliographia		
	Correspondencia		
	Expediente		

PROGRAMMAS DE ENSINO

O professorado das escolas primarias municipaes da capital da Republica aguarda, com justa anciedade, a revisão dos programmas de ensino com que, em má hora, o presentearam, em Março de 1920.

Não ha o que estranhar no vivo desejo da prompta e cabal reforma de tão mal fadados programmas.

Já tivemos ensejo de critical-os, classificando-os de pedantescos, pelo proposito, que pareciam ter, de elevar o nivel de algumas aulas de curso primario até a categoria de verdadeiras classes de bacharelado.

O programma das lições de Historia, por exemplo, como assignalámos devidamente, assume proporções inacreditaveis. Seria mesmo difficil fazer obra mais bem acabada para o fim exclusivo de attrahir o ridiculo sobre as coisas e personagens da nossa instrucção publica.

Mas, os programmas de ensino para as escolas primarias diurnas da Prefeitura do Districto Federal não têm somente o grave inconveniente de serem ridiculos pelo pedantesco desenvolvimento de alguns dos seus cursos. Além de ridiculos, elles são mal feitos e contém erros altamente compromettedores do bom conceito em que deve ser tida a nossa cultura.

E' assim que figura em taes programmas uma estranha confusão entre os dominios da arithmetica e da geometria, parecendo que, segundo a pedagogia official, as noções geometricas se transferem do dominio arithmetico, quando reduzidos ao gráo elementar de simples rudimentos.

De outro modo não se explica a inclusão da morphologia geometrica nos programmas de arithmetica do primeiro e do segundo annos, quando o mesmo estudo, no 3º anno, foi considerado pertencente ao dominio da geometria.

O que, porém, não tem explicação alguma

é o facto de se misturarem no dominio arithmetico, segundo as prescrições dos quadros de divisão das materias pelos mezes do anno lectivo, lições que o mesmo programma reconhece pertencerem a um e outro dos dois dominios arithmetico e geometrico.

Essa inconcebivel synonymia entre arithmetica e geometria pode ser observada pelo exame do plano dos cursos desde o 3º até o 5º annos.

Mas, não são estes os unicos defeitos dos programmas vigentes nas escolas primarias da capital da Republica.

Nelles se recommenda, por exemplo, como no programma do 4º anno, que «o professor fará o estudo comparativo dos quadrilateros regulares, assignalando as semelhanças e differenças ou, como no programma do 5º anno, que «na resolução dos problemas de juros serão empregadas as formulas de vantagem pratica evidente».

Esses «quadrilateros regulares» a que o programma se refere mais de uma vez, e entre os quaes devem ser assignalados «as semelhanças e differenças», são, sem duvida, dignos de honbrear com as formulas de juros de «vantagem pratica evidente».

Não é preciso fazer maior numero de citações para que se perceba até que ponto os programmas de ensino expedidos em Março de 1920, pela Directoria de Instrucção Publica Municipal, compromettem os nossos fóros de cultura.

O que ficou dito, infelizmente, é sufficiente para se aquilatar do valor da obra que, por nossa desgraça, tambem tem circulado fóra do Brasil.

Não poupemos esforços por apagar-lhe a lembrança, fazendo uma cuidadosa revisão desse monstro, quando mais não seja, em commemoração ao primeiro centenario da nossa independencia.

IDEIAS E FACTOS

Politica de instrucção publica

X

O ensino da historia

O estudo das condições de nossa formação nacional não pode prescindir de uma cuidadosa indagação dos factores geographicos que nella intervieram.

Com effeito, não é difficil verificar que «a colonização brasileiraira», diandose de dois focos, situados um ao norte e outro ao sul, determinou a formação de dois centros distinctos, que dirigiram a evolução politica de nossa nacionalidade. A acção do centro meridional ou paulista, desenvolveu-se pelo interior do paiz até a bacia amazonica e formou o grande emporio commercial onde se deveria assentar a futura capital do imperio; o centro septentrional, localizado, a principio, no nucleo bahiano, deslocou-se, posteriormente, para Pernambuco, estendendo a sua influencia do São Francisco ás divisas orientaes da bacia do Parnahyba» (1).

São bem accentuados os caracteristicos proprios que distinguem, desde muito cedo, um e outro desses dois centros, annunciando «a diversidade de tendencias entre os movimentos politicos do norte e do sul, fazendo prever o particularismo daquelles e o caracter de generalidade destes.

E' assim que, emquanto o centro paulista affirma a sua aptidão expansiva na actvidade conquistadora dos «bandeirantes», a feição peculiar do centro pernambucano se define na resistencia defensiva do proprio territorio.» (2)

A razão dessa differenciação assenta, sem duvida, em variações ethnicas.

A liga tercearia — do branco amarello e vermelho — de que se origina o nosso povo, que «até hoje ainda não se caldeou em um typo ethnico definido» tem apresentado, em todos os tempos, uma variação de titulos, segundo as localidades, decorrente do «numero e da qualidade dos elementos da mistura».

Foi assim que, em algumas regiões, o elemento indigena predominou sobre o negro africano nos cruzamentos com o branco, emquanto que em outros se verificou o facto opposto.

Devemos, pois, buscar «o motivo ethnico como elemento principal da diversidade de tendencias dos dois centros que dirigiram a evolução brasileira.

O espirito aventureiro que animou as explorações paulistas encontra explicação na mestiçagem em que o sangue amarello predominou sobre o negro no cruzamento com o branco, emquanto que a tenacidade, a resignação, o apego á terra e a grande capacidade effectiva das populações do norte revelam as qualidades proprias da mistura em que sobrepuja o elemento africano.» (3)

E' interessante indagar a influencia dos factores geographicos que determinaram essa desigual distribuição ethnica sobre o territorio brasileiro.

E' evidente que ella se filia á «maior facilidade de trafego directo dos veleiros entre a costa da Africa occidental portugueza e o littoral bahiano, circumstancia que determinou a elevação da imigração africana no centro nortista.

Não foram, porém, sómente as condições de navegabilidade do Atlantico meridional que contribuíram para a differenciação dos caracteristicos dos dois grandes centros do norte e do sul do Brasil; os diferentes factores geographicos que influem sobre o clima de uma e outra regiões também intervieram sensivelmente na accentuação de differencia-

Notas da historia patria (1)

O principe de nossos abolicionistas

Discutem autores de historia patria a proposito de quem deve ser considerado o principe dos abolicionistas da escravidão no Brasil.

Pelos motivos que vou expôr, parece-me, deve-se têr como liquido que o proto-abolicionista brasileiro foi José Bonifacio, o organizador de nossa nacionalidade, a figura maxima da Independencia. Antes de José Bonifacio, houve, como vamos revêr, quem libertasse escravos e tratasse da extinção do tráfico e da libertação dos nacituros. Foi Bonifacio, porém, o primeiro em organizar um plano completo de abolição.

Ao tempo da guerra holandeza, João Fernandes Vieira libertou 200 escravos, seus, conforme ao que leio no prefacio do «Castrioto lusitano», de Rafael de Jesus. O mesmo Vieira, por ocasião da victoria no Monte das Tabocas, deu liberdade a mais 50 escravos de sua propriedade. (Ob. cit. pags. 279. Ed. de 1744).

Os Jesuitas, que se empenharam contra a escravidão dos indios, em regra, não se manifestavam relativamente á dos negros. De certo eram contrarios a ela, mas guardavam silencio, por disciplina, para não se insurgirem contra instituto que se esteiava no estado e era havido por legal, pela massa de juristas do tempo. Tinha-se por ilegal a dos indios.

Afirmam alguns autores que foi Dominico Las Casas quem teve a lembrança nefanda de aconselhar a captura de negros em Africa e sequente transporte para a America, afim de que se não aprisinassem os indigenas. Felizmente, para que não reputemos negregada a memo-

(1) O presente trabalho já foi publicado no numero 4 da revista «O Mundo»; reproduzimo-o, devidamente autorizados pelo seu autor, attendendo á conveniencia de sua maior divulgação entre o professorado das escolas primarias. — Nota da redacção.

ções oriundas da diversidade dos elementos ethnicos.

Deve-se, entretanto, assignalar a influencia predominante das condições de navegabilidade do Atlantico meridional, as quaes também intervieram em outro facto interessante da formação de nossa nacionalidade.

Referimo-nos á separação quasi completa, até a independencia, entre as regiões submettidas dos dois centros politicos, já desigualados, e o extenso territorio que vae da fóz do Parnahyba á bacia amazonica.

Essa extensa região, mais facilmente ligada á metropole que ao centro pernambucano, em razão das difficuldades da navegação do canal de São Roque, constituia quasi que uma colonia portugueza separada do resto do Brasil ao qual só se uniu, verdadeiramente, com a independencia.

Como essa união se effectuou pela interferencia do poder central, directamente actuado pela influencia do centro meridional, as provincias do Piahy, Maranhão e Pará não acompanharam a orbita politica do centro pernambucano, nem mesmo nos primeiros annos de nossa vida politica como estado soberano.

Facto eloquente em abono dessa afirmativa é o resultado do pleito travado em 7 de Abril de 1835, para eleição do regente do imperio, entre Diogo Antonio Feijó e Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque.

Emquanto Feijó vencía o seu antagonista por 742 votos, contra 603, nas provincias do Rio Grande do Sul, Santa Catharina, São Paulo, Rio de Janeiro e Espirito Santo, por 1139 contra 103, nas provincias de Minas Geraes, Matto-Grosso e Goyaz, sendo por elle vencido por 1545 contra 830, nas provincias da influencia do centro nortista (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceara), alcançava votação unanime nas provincias do Piahy Maranhão e Pará, onde obteve 117 votos e Hollanda nem um só.

A Independencia

Mobiliario completo para uma casa com 36 peças, 2:300\$000 á Rua do Theatro, 1 — Teleph. Central 476.

(1) Ignacio M. Azevedo do Amaral — José Bonifacio. Rio de Janeiro — 1917, pags. 12.

(2) Ob. cit. pag. 13.

(3) Ob. cit. pag. 38, nota V.

ria de Las Casas, ha quem formalmente conteste a afirmação e diga que tal conselho nunca fôra dado por Las Casas; trata-se de imputação que lhe fez Herreira, seu desafeiçoado.

O Padre Antonio Vieira aconselhava a escravidão dos negros e é facil encontrar-se em suas cartas e em seus sermões pedaços que provem o que afirmo.

Na «Resposta aos capitulos do «Maranhão», onde expõe o estado da colonia em 1661, escreve Vieira; «Esta mesma quebra e incerteza das fazendas se experimentou e padeceu em todas as partes do Brasil emquanto nos principios da sua conquista se servirão somente com os Indios, atè que com este desengano se resolverão a fabricar as suas fazendas com escravos mandados vir de Angola, que é gente serviçal, dura e capaz de todo o trabalho, e que atura e vive por muitos annos, se a fome e o mau tratamento os não acaba. Nem no estado do Maranhão, que é parte do Brasil, haverá remedio permanente de vida emquanto não entrarem na maior força do serviço escravos de Angola.»

Uma vez por outra, manifestou-se em favôr dos africanos, como no «Sermão da Epiphânia», pregado em Lisboa, no anno de 1662.

Posteriormente, voltou a preconizar a escravidão negra, como vejo em trabalhos de 1669.

Passa-se longo periodo sem que surjam escritos ou orações em publico, favoraveis á causa dos cativos e sem que apareçam homens que tomem interesse na sorte dos negros. Ha mesmo longo lapso, na administração do conde de Assumar, em que são miseros cativos duramente tratados; a despeito de serem eles, no tempo, o unico instrumento de trabalho em nossa terra. Chegou o fero conde de Assumar a bater-se pela promulgação de um código negro especial, com artigos que mandassem cortar a perna de todo escravo que fugisse. Esse infeliz homem não considerava os escravos como gente e chamava-lhes, ordinariamente, a «canalha», como se vê num officio de 13 de junho de 1718, ao rei de Portugal. Pelo alvará de 30 de Abril de 1749 instituiu-se a pênna de, a ferro em braza, marcar a téssta do escravo que fugisse e de mutilação de uma orêlha, em caso de re-

incidencia. Em meio onde abundavam homens que aceitavam taes cousas, difficilmente brotaria a idea abolicionista. Em 1758 foi impresso o «Ethiophe resgatado»... escrito pelo advogado Padre Manuel Ribeiro da Rocha, lisbonense domiciliario na Baía e bacharel formado em Coimbra. João Ribeiro, levado por uma frase do padre Rocha, chama-lhe o nosso primeiro abolicionista. E' este o lanço que transcreve o brilhante professor de historia patria, a paginas 252 de sua Historia do Brasil curso superior, 5.^a edição; — «todo o commercio da Angola, Guiné, Cafraria é illegal e deve ser condemnado como pecado mortal contra a caridade e a justiça universal».

Por essas palavras, seriamos levados a crêr que Rocha condenasse o trafico.

Mas, tem ele ideas especiaes e distingue escravos capturados licitamente dos capturados illicitamente. Faz distincção entre o que chama «jure dominí», ou compra do escravo, e «jure pignoris», que definiremos com suas palavras. Aceita o segundo e repele o primeiro.

«Assim, e do mesmo modo os Comerciantes da Costa da Mina, Angola e mais partes de Africa, licitamente, e sem gravame de consciencia, podem trocar pelo tabaco, e mais generos, que ali conduzem, aqueles escravos, com tanto que neste negocio não façam mais que resgatal-os, adquirindo neles somente um direito de penhor, e retenção, em quanto lhe não pagarem o que no resgate despenderam e o premio de seu trabalho... (Pags. 69).

Acha que, em muitas circunstancias, lucram os negros sendo transportados para nossa terra, porque têm probabilidades de fugir das «garras do demonio».

«E não somente fica sendo a dita negociação, por esta via, commercio licito, e livre de calunia, e de dolo; senão também positivamente pio, e catolico; em razão de que estes miseraveis gentios trazidos a terras de cristandade, recebem a santa fé, e o sagrado Bautismo, com o que se livram da infame servidam do demonio». (Pags. 71). Não é justo darmos ao autor do «Ethiophe resgatado» o titulo de abolicionista.

Foi ele partidario da escravidão mas dos escravistas foi o mais liberal possível. Propoz a libertação dos nascituros, com tal que ficassem servindo ao-

senhores de seus paes, até a idade de 14 ou 15 anos.

Desencovou texto do «Eclesiastico», de S. Paulo, e outros, tendentes a demonstrar que é obrigação do senhor dar ao escravo «alimento necessario á sustentação do corpo, como também a doutrina e educação necessaria para o espirito». As ideas do Padre Rocha relativas ao proveito que tiravam os africanos quando trazidos para nossa terra, encontraram fervoroso paladino em um filho de Campos, bispo de Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha de Azerêdo Coutinho.

Imprimiu esse prelado, em 1796, uma celebre «Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos...» onde procurou justificar a escravidão, principalmente porque, de sua pratica, se tornava provavel, sinão certo, a incorporação de muitos negros na religião de Cristo. Veremos que, no mesmo ponto, bateu, anos depois, Maciel da Costa.

Notemos, antes de passar adeante, que esse raciocinio não era original e que ocorria a todos os homens egoistas, assim de Europa, como de America ou de Africa.

Das «Cartas politicas», publicadas em volume no año de 1826, e atribuidas a Miguel Calmon du Pin e Almeida copio este pedaço:

«Franklin assevera que entre os papeis do consulado de Mr. Martin em Argel, respectivos ao anno de 1687, se encontra hum discurso de Mahomet Ibrahim, hum dos membros do Divan, contra huma seita chamada dos Ericas (puristas) que pretendiam abolir a pirataria e a escravidam, como injusta. O tal Mahomed Ibrahim servio-se neste discurso de todos os argumentos de que se servem para dissimularem a escravidam dos negros, e para pretextarem a sua imperiosa necessidade. E como esse remoque dá bôa chaça nos plantadores do Brasil, ponho aqui o discurso do Argelino, para lhes servir de vergonha.

Allah Bismillah (começou o orador barbaresco), Deus he grande e Mahomet he o seu propheta — Tem por ventura estes Eriks considerado bem as consequencias, que se seguiram, quando a sua petição tivesse bom despacho? Se houvermos de renunciar as nossas piratagens contra os christãos, de que modo seremos então providos das mercadorias, que pro-

duzem as suas terras, e que tantos nos sam necessarias? Se desistirmos de os fazer escravos quem nos ha de então cultivar a terra em hum clima tam ardente como o nosso? Quem nos hade entam fazer o serviço dentro da cidade, e dentro de nossas proprias casas? Tornarnos-hemos então escravos de nós mesmos? Não devemos nós porventura ter maior compaixam de nossos mussulmanos do que desses cachorros desses christãos?» (Pag. 196) «E se nos fizerem escravos livres que virá a ser feito delles mesmos? Poucos tornaram a sua patria; porque bem sabem elles quam mais penozo he o trabalho que la tem de sofrer; nenhum abraçará também a nossa santa religiã, nem adoptará os nossos costumes, nem a nossa gente se cazará com elles». (Pag. 197). Não he a Espanha e Portugal e França e Italia governada por despotas que os tem a todos elles sugeitos á escravidam?» (198). «A sua vida entre nós está segura; e elles nam estam sugeitos nem aos recrutamentos, nem á dura necessidade de degolar christãos nas guerras, que lá fazem uns aos outros» (Pag. 200).

— No principio do seculo XIX começamos a encontrar alguns sinaes do aparecimento de ideas libertadôras. Entre os papeis do naturalista Arruda Camara acharam-se escritos que demonstram o seu interesse na sorte dos escravos, dos quaes advogou a causa e pregou a necessidade de sua colaboração nos trabalhos publicos. De uma carta testamento, destinada ao Padre João Ribeiro, copio este trecho, que vem nas notas que Oliveira Lima acrescentou ao livro de Muniz Tavares (Pags. 116). «Acabem com o atrazo da gente de côr; isto deve cessar para que logo que seja necessario se chamar aos logares publicos haver homens para isto, porque jamais pode prosperar o Brasil sem elles intervirem collectivamente em seus negocios, não se importem com essa acanalhada e absurda aristocracia de cabundá, que ha de sempre apresenter futeis obstaculos. Com monarchia ou sem ella deve a gente de côr ter ingresso na prosperidade do Brasil».

Para alguns autores, Antonio Rodrigues Vellôso de Oliveira é um dos mais antigos abolicionistas. Possui ele o merito de, segundando o padre Ribeiro Rocha, ter proposto a liberdade dos nascituros, mas reconheceu como legitimo o

trafico, o que importa considerar como inestinguível a escravidão. De sua memoria, escrita em S. Paulo, e mandada a D. João VI, em 1810, copio os seguintes lanços: «Conserve-se embora (se é honesto e conforme a razão) o commercio de escravos da costa d'Africa...» «Porque razão pois me não será permittido desejar ao menos que no Brazil nasçam livres os filhos dos escravos, e que a escravidão seja puramente pessoal, ou o triste premio daquelles que ella libertou da morte». (Revista do Instituto Historico. Rio, 1868. Pags. 77).

Leio, em alguns trabalhos de historia, que mais ou menos no tempo em que Vellôso fazia chegar sua memoria ás mãos de D. João VI, Hippolito da Costa, pêlo «Correio Brasiliense», publicado em Londres, se batia pela emancipação dos escravos. Ha quem atribua a esse órgão de publicidade a inspiração do tratado de 22 de janeiro de 1815, que extinguiu o trafico ao norte do equador.

Ainda não me foi dado lêr toda a coleção do «Correio Brasiliense». Li, sem minucias, exemplares dos anos de 1810, 11, 12, 13 e 14, sem encontrar artigos abolicionistas. Em o tomo 12, ano de 1714, paginas 913, vejo um artigo a proposito do tráfico. O autor não o condena formalmente; espirito lucido, prevê a victoria da causa redentôra e aconselha ao Governo que providencie no sentido de obter emigrantes livres.

E' possivel, entretanto, que Hippolito tenha escripto algo que lhe assegure o direito de figurar entre os abolicionistas. Nos trabalhos referentes á extinção do tráfico, menciona-se a monografia escrita pelo baiano Domingos Alves Branco Muniz Barreto, entregue a D. João VI, talvez em 1814, intitulada «Memoria sobre a abolição do commercio de escravatura». Aceita o autor o tráfico e crê que a Inglaterra o combata com o intuito mau de causar prejuizo ao Brasil, «não sendo seu fim outro, que o de converter o Brasil em universal miseria, e privar a agricultura dos braços necessarios para lavrar a terra e até pôr as nossas minas em decadencia pôr affectados motivos e da mesma maneira que se podia pretender prohibir o uso do fogo, só porque o incendiario pode dele abusar». (Pags. 9).

Ha, nessa memoria, um plano regu-

lar de abolição, onde se prescreve, por exemplo, que o escravo que na promulgação da lei, e depois dela, provar que tem seis filhos, deve ser libertado. Estatuem premios aos libertos que tiverem 10 filhos. Cogita na civilisação dos indios, na liberdade dos cultos, na abertura de estradas, de canaes, desentupimento de rios e acha indispensavel que se estabeleça «justiça com regras fixas, que afiance os direitos de segurança publica, individual e da propriedade». E' de crer que essa memoria pouco tenha influido no tempo, porque ficou inedita e só foi impressa em 1837, por Antonio Alves Branco Muniz Barreto, filho do autor. Lembremos, antes de passar adeante, que o autor da memoria de que tratamos foi, talvez, o primeiro em recommendar essa dura pratica, seguida pela policia de algumas cidades, de perseguir os mendigos, alegando que a mendicidade pode ser capa da vadiagem, ou sob o miseravel pretexto de que a presença dos mendigos pode causar má impressão no animo de estrangeiros que nos visitem. O marquês de Quelúz, em memoria de que trataremos, teve a infelicidade de insistir no desastrado conselho.

Os revolucionarios de 1817, em quasi tudo eminentemente adeantados, em materia de libertação dos cativos não estiveram á altura de suas outras concepções e não se portaram como republicanos. Em escrito do norte li, ha tempos, que a «Lei Organica» prescrevia a libertação, o que não é exato. O projéto de lei organica em nenhum de seus 28 paragrafos cuida dos escravos. Não sendo justo darmos aos ínclitos revolucionarios de 17 o titulo de abolicionistas, tambem não lhes poderemos chamar escravocratas, como o fez Oliveira Lima, em nota á «Historia da Revolução de Pernambuco» de Muniz Tavares. (Pags. 252). Faltou-lhes a coragem de abolir a escravidão, mas tiveram o valôr de proclamar que a extinção do cativo era «aspiração nacional». Do manifesto onde, infelizmente, os revolucionarios reconhecem a escravidão, copio este logar: «Nutrido em sentimentos generosos não pode jamais acreditar que os homens, por mais ou menos tostados, degenerassem do original typo de igualdade: mas está igualmente convencido que a base de toda a sociedade regular he a inviolabilidade de qualquer especie

de propriedade. Impellido dessas duas forças oppostas deseja huma emancipação, que não permitta mais lavrar entre elles o cancro da escravidão; mas deseja-a—lenta, regular e legal».

—José Bonifacio, que desde os bancos academicos cuidava em o modo como melhorar a sorte dos escravos, elaborou as instruções aos deputados de S. Paulo, nas Côrtes Portuguesas, e nessas instruções, aprovadas pela junta governativa em 9-10-1821, ha pedaços como este: «...requerer imperiosamente iguaes cuidados da legislatura sobre melhorar a sorte dos escravos, favorecendo a sua emancipação gradual e conversão de homens immoraes e brutos em cidadãos activos e virtuosos, vigiando sobre os senhores dos mesmos escravos para que estes os tratem como homens christãos e não como brutos animaes...» (V. Mello Moraes. «Brasil-Reino e Brasil-Imperio». Pags. 85. V. I).

Em 1821 appareceu, impressa em Coimbra, a memoria de João Severiano Maciel da Costa, que, pelo titulo e por algumas palavras da advertencia, tem sido considerada abolicionista. Chama-se «Memoria sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil...» Lê-se, na Advertencia: «...mal se pode casar uma constituição livre com o trafico de compra e venda de homens, injuriosa á humanidade...»

Diz Joaquim Nabuco que a memoria de Maciel se opõe á do escravista Azerêdo Coutinho. «A analyse do antigo Bispo de Pernambuco Azerêdo Coutinho (1798 e 1808) oppõe-se a memoria de João Severiano Maciel da Costa, depois Marquez de Queluz» («Um Estadista do Imperio». Pags. 23. T. III). O afamado abolicionista mineiro, campanhense, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, referindo-se ás memorias contra o tráfico chama «notavel» á de Maciel. («A Escravidão» 3ª parte. Pags. 39.)

Mas, Maciel da Costa não queria a abolição do tráfico por amor á causa publica, ou por ser abolicionista, e sim porque temia que aqui se dessem, com o aumento dos negros, scênas como as de que foram teatro as colonias francesas. Basta atentarmos no titulo do I capitulo para vermos que não se trata de escrito que mire profligar o nefando instituto. «O commercio dos escravos, comquanto

contrario á humanidade, não é tão horriavel como o figuram os seus antagonistas». (Pag. 11). Em outro passo, referindo-se ao perigo de augmentar-se o numero de negros escreve: «Em quanto a população estiver semeada a grandes distancias num vasto territorio, o mal será paleado; mas com a introdução indefinida dos Africanos, esta situação muda, e o raio nos ameaça perpendicularmente a cabeça...» (Pags. 21). A proposito dos que faziam a campanha libertadôra das colonias francesas escreveu o nosso suposto abolicionista: «Os energumenos filantropos não se extinguiram ainda; e uma récova de perdidos e insensatos, vomitados pelo inferno, não acham outro meio de matar a fome senão vendendo blasfemias em moral e politica, desprezadas pelos homens de bem e instruidos, mas talvez aplaudidas pelo povo ignorante. (Pags. 23). Do mesmo modo que Ribeiro da Rocha e Azerêdo Coutinho, acha que lucravam os africanos quando caçados e transportados para o Brasil. «Que muito pois que os barbaros e ferozes Africanos sejam transplantados de seus areas ardentes para o belo clima do Brasil, e ai empregados no suave trabalho da agricultura? Parece-nos que a questão devia reduzir-se a saber, se eles perdem ou ganham na transplantação». (Pags. 11). «...muito embora o zêlo dos amigos da humanidade, que abrasados no fogo dela, tem advogado essa causa tão energicamente; mas eles nos perdoem se dissermos que tem visto os males do cativo dos Africanos por vidros de engrossar, e se sustentarmos que a introdução deles deve ainda durar algum tempo entre nós por amor da causa publica...» (Pags. 13).

Aconselha o casamento dos negros, mas não o faz com o intuito humanitario de que eles gozem as santas e consoladoras alegrias da familia e sim para que não se entreguem a vicios e para que procreem...

—Na sessão de 18 de março de 1822, nas Côrtes Geraes... de Lisboa, o deputado brasileiro, bahiano, Domingos Borges de Barros, futuro visconde da Pedra Branca, apresentou um projéto de lei, onde trata de varios assumptos, como emigração de homens livres, protecção dos indios, voto feminino e situação dos cativos.

O artigo 22, por exemplo, cogita do

tráfico e foi assim redigido: «Se a emigração de estrangeiros para o Brasil for grande nestes primeiros tempos, terminará o tráfico dos escravos entre aquelle Reino, e Africa dentro em 6 anos, contados do dia em que se promulgar a Constituição no Brasil, ficando aos governos das provincias a faculdade de limitar o dito prazo, quando a influencia de emigrados seja tal, que prometta fornecer os necessarios braços á lavoura».

«Art. 26. Todo escravo que apresentar seu valor grangeado por meio licito será libertado». «Art. 28. Será livre o filho, e a escrava que tiver de seu senhor; ficando este obrigado a faze-lo aprender um officio, de modo que possa subsistir: e livres serão tambem os escravos que nas doenças forem abandonados pelos senhores, uma vez que se prove que o senhor não costuma tratá-los na enfermidade». «Art. 30. Os senhores deverão animar e favorecer o casamento entre os escravos. A escrava casada que apresentar 6 filhos vivos terá carta de alforria; ficando o senhor obrigado a sustenta-la durante a criação do ultimo filho».

No correr do ano de 1822, José Bonifacio, desenvolvendo o seu pensamento manifestado nas «Instrucções» de 21, escreveu a «Representação á Assembléa Geral Constituinte do Brasil sobre a escravatura». Propõe-se o patriarca a mostrar a necessidade de abolir o tráfico da escravatura, de melhorar a sorte dos cativos e de promover a sua progressiva emancipação. Desassombradamente chama crime ao instituto negreiro. «Começemos pois desde já esta grande obra pela expiação de nossos crimes e pecados velhos. Sim, não se trata somente de sermos justos, devemos tambem ser penitentes...» Fecha a representação com um projecto de lei onde, em 32 artigos, substancia as mais filantropicas ideas, com relação aos cativos.

Começa pelo trafico, dando tempo exacto e insofismavel para a sua extinção, o que não acontecia no plano de Pedra Branca, onde esta era função da entrada dos emigrantes e a solução podia ser eternamente protelada. Assegura ao escravo o direito de constituir familia, impedindo sejam vendidos, separadamente, marido, mulher e filhos menores, como obsta a que seja vendida a esca-

va, não casada, que tenha filhos menores a 12 annos, sem que estes a acompanhem. Concede terra e auxilios aos libertos que não tiverem officio, fóra as escravas que forem amantes dos senhores, bem como os respectivos filhos e liberta qualquer escravo estropiado pelo dono. Prescreve ao proprietario de escravos não lhes impeçam o casamento; dispõe relativamente ao tempo de prenhez da escrava e do puerperio, ondenando não seja ella empregada em trabalhos violentos, dando-lhe prazo de convalescença do parto e vedando que, no lapso da amamentação, trabalhe longe do filho.

Essa obra, meticulosa e na verdade notavel, que somente poderia ser planizada por cerebro pujante e magnanimo coração, publicada em 1825 e traduzida para o inglês em 1826, não produziu, no tempo, efeito benefico em nossa terra e, diz uma autoridade, concorreu para que fossem os Andradas afastados do governo. A historia official, a historia aulica, fez a conspiração do silencio em redór do masculino trabalho e a memoria caio em olvido. São de Joaquim Nabuco estas palavras: «Esse projecto, publicado em Paris, só teve verdadeira vida depois que se tornou uma curiosidade de alfarrabista, e quando o culto de outra época pelo Patriarcha da Independencia o recolheu como uma reliquia». («Um Estadista do Imperio». Pags. 22. T. III).

Creio que não erro se afirmar que a Miguel Lemos e a Teixeira Mendes devemos o ter saído do esquecimento mais essa prova do grande amor que á causa publica votava José Bonifacio o homem a quem Pedro I chamava pae e mentôr e para quem a historia imparcial, no pensar do Visconde de Cairú, resguardará o titulo de «Salvador do Brasil».

Ao «Serviço de proteção dos indios» do Ministerio da Agricultura, devemos a reedição da memoria, que se havia tornado rarissima, nada obstante ter sido reimpressa no Ceará em 1831, na «Tipografia Cearense», e aqui no Rio, em 1840, na tipografia de J. E. S. Cabral.

Aos organizadores da «Antologia brasileira», Afrânio Peixoto e Constancio Alves, devemos a idea felicissima de terem incluido em volume destinado ás escolas o projecto na integra, o que concorre para que seja conhecido e, conse-

guientemente, admirado e venerado o seu autor.

Acredito que quem tiver ardôr civico não lerá sem fortes comoções a representação e o projecto do Patriarca, e admitindo-se que ele tivesse cometido erros, como o de ter pensado que era impossivel fazer-se a abolição e a republica em 1822, sem o desagregamento do pais, ainda assim, pelo só plano de abolição, fez jús ás benções da posteridade e sua memoria é credora do nosso fervoroso reconhecimento.

—Em menino, conheci um professor primario, Jeremias Lobato, acerrimo inimigo de José Bonifacio, a quem negava tudo, do civismo á illustração. Estudava Jeremias somente em obras como o «Primeiro Reinado», de L. V., onde se pretende aniquilar a director do movimento de 22. Enfurecia-se o professor, quando se dava a José Bonifacio o titulo de abolicionista e asseverava conhecer documentos que provavam ter o Andrada possuido escravos.

Ao terminar esta nota, lembrei-me da accusação de Jeremias, e quando dispuzer de tempo, hei de examina-la afim de verificar si, realmente, o magno evangelizador da abolição, em sua primeira fase, não associou o exemplo ao preceito e possuiu escravos.

Tambem, quando permitirem os quefazeres, procurarei estudar, com minudencia, os sentimentos libertadores de João Fernandes Vieira que, a ser verdade o que escreve Rafael de Jesus, e tendo conta com as doutrinas que vigoravam em sua época, deve ser considerado como um dos grandes precusores da abolição digno de figurar no monumento que os pósteros consagrarão aos que fizeram a santa cruzada, monumento que ha de ser levantado em quadra de maior civismo do que a que atravessamos, quando houver culto mais generalizado á memoria dos que, no passado, trabalharam pelo bom nome e pelo engrandecimento moral de nosso estremecido Brasil...

Rio, 12—10—921.

Pedro A. Pinto.

D. João VI e o ensino primario

Os leitores da «A Escola Primaria» já tiveram ensejo de apreciar a fecunda actividade do governo de D. João VI em prol da instrucção publica, documentada e commentada pelo eminente professor Francisco Calisto, em seu notavel estudo sobre o que muito justamente classificou de *Memoravel periodo historico da instrucção nacional*; apresentamos-lhes hoje uma nova documentação corroborando os conceitos daquelle exterminados no seu trabalho sobre a fecunda acção do benemerito soberano a quem devemos a emancipação intellectual e economica da nossa patria.

Tal documentação devemol-a ainda á paciente investigação de Francisco Calisto, professor dedicado e pesquisador, erudito e incansavel, que nos pareceu uma nota onde consignou o resultado de suas laboriosas buscas nos nossos archivos, sobre a acção de D. João VI, em tudo quanto diz respeito á instrucção publica em nossa terra.

Publicamos em seguida a nota do nosso illustre collaborador, sem modificar a redacção dada pelo seu autor, embora não tivesse ella sido escripta para a publicidade, e tenha o character de simples registro de pesquisas de um investigador estudioso:

«Cadeiras de primeiras letras» creadas por D. João, com recommendações especiaes, ou de que fossem providas por concurso, ou por quem fosse de melhor conducta e saber, ou para que fossem dadas a quem mais as merecesse, ou, simplesmente, providas na fórmula das reaes ordens, ou mais explicitamente, como na resolução de 26 Novembro de 1813: «que se ponha a concurso, ao qual póde ir o dito José Vaz Sodré, que a requereu e a levará se merecer, devendo os pretendentes á cadeira serem examinados na presença do Governador e Capitão General da Capitania, para a prover na fórmula das minhas reaes ordens.»

Recommendação essa que revela a importancia que D. João dava ao acto do provimento de taes cadeiras.

1.—Na villa do Desterro da Ilha de Santa Catharina (16 de Maio de 1809).

2.—Na Capella Curada da nova aldeia dos Indios Corados do presidio de

S. João Baptista, na Capitania de Minas Geraes (20 de Maio de 1809).

3.—Na villa de Guaratiba da Capitania do Rio de Janeiro (29 de Julho de 1809).

4.—Na villa de S. Salvador dos Campos (7 de Setembro de 1809).

5.—Na ilha de Paquetá (27 de Junho de 1810).

6.—Na freguezia de Santo Amaro de Itaparica, na Capitania da Bahia (14 de Dezembro de 1810).

7.—Na villa de Taubaté (26 de Agosto de 1811).

8.—Nas povoações da Estiva e Aldeia, no termo da villa de Jaguaribe e Nagé e no termo da villa de Maragogipe na Capitania da Bahia (26 de Maio de 1812).

9.—Na freguezia do Urubú de Cima do Rio S. Francisco, na comarca de Jacobina (18 de Fevereiro de 1813).

10.—Na freguezia de Inhaúma, nesta Côrte (25 de Fevereiro de 1813).

11.—Na freguezia da Sacra Família, termo desta Côrte (25 de Fevereiro de 1813).

12.—Na villa de Santo Amaro das Brotas, na Capitania da Bahia (31 de Maio de 1813).

13.—Na freguezia de S. Pedro do Rio Fundo, na Capitania da Bahia, (23 de Agosto de 1813).

14.—Na villa de S. Jorge, na Capitania da Bahia (6 de Setembro de 1813).

15.—Na villa de Marahú, na Comarca dos Ilhéos, na Capitania da Bahia (6 de Setembro de 1813).

16.—Na villa de S. Carlos, na Capitania de S. Paulo (26 de Novembro de 1813).

17.—Na freguezia de Nossa Senhora das Brotas, na cidade da Bahia (26 de Novembro de 1813).

18.—Na villa de Cantagallo (12 de Setembro de 1814).

19.—Na villa de Benevente (30 de Setembro de 1814).

20.—Na villa nova da Rainha do Senhor do Bomfim da comarca de Jacobina, na capitania da Bahia (5 de Novembro de 1814).

21.—Na freguezia de Sant'Anna do Catú da Capitania da Bahia (14 de Março de 1815).

22.—Na villa de S. José da Barra

do Rio da Contas, comarca dos Ilhéos (27 de Abril de 1815).

23.—Na povoação das Laranjeiras, comarca de Sergipe de El-Rei (3 de Junho de 1815).

24, 25, 26.—Na cidade de Ouras e em cada uma das villas da Parahyba e Campo Maior, da capitania do Piauí (4 de Setembro de 1815).

27.—Na povoação de Jequiriçá, termo da villa de Valença da capitania da Bahia (18 de Setembro de 1815).

28, 29, 30 (?).—Em cada uma das villas da capitania de S. Paulo, que ainda não tem, e duas na capital, conforme o plano de estudos feito no anno de 1804 (11 de Dezembro de 1815).

31.—Na villa da Nova Boipeba, da comarca dos Ilhéos (19 de Dezembro de 1815).

32.—Na freguezia de Santa Vera Cruz, da Ilha de Itaparica (20 de Fevereiro de 1816).

33.—Idem, idem (14 de Março de 1816).

34.—Na villa de Inhambupé de Cima, da capitania da Bahia (2 de Maio de 1816).

35, 36.—Na villa de S. Matheus e na povoação de Santa Cruz, da Comarca de Porto Seguro (8 de Julho de 1816).

37.—Na villa de Almeida, da capitania do Espirito Santo (12 de Agosto de 1816).

38 a 40.—Na villa da Barra e em cada uma das villas do Pilão Arcado, das Flores e dos Guaranhuns, da capitania de Pernambuco (4 de Setembro de 1816).

41, 42.—Na villa de S. Matheus e na povoação de Santa Cruz, da comarca de Porto Seguro (18 de Outubro de 1816).

43.—Na povoação de Paramirim, da freguezia de N. S. do Monte, termo da villa de S. Francisco de Sergipe do Conde (8 de Outubro de 1817).

44.—Na villa de S. João de Macahé (15 de Julho de 1817).

45.—Na villa de Rezende (16 de Julho de 1817).

46.—Na freguezia de Guaratiba, desta Côrte (6 de Maio de 1818).

47.—Na villa do Espirito Santo, na capitania do mesmo nome (3 de Agosto de 1818).

48.—Na villa de Itapemerim, na

capitania do Espirito Santo (19 de Novembro de 1818).

49.—Na villa de Itapicurú de Cima, na capitania da Bahia (23 de Novembro de 1818).

50.—Na povoação das Laranjeiras,

51.—Na villa de N. S. da Albadia, na capitania da Bahia (17 de Dezembro de 1818).

52.—Na freguezia do Senhor Bom Jesus do Chiquechique, da comarca da Jacobina (4 de Janeiro de 1819).

53.—Na freguezia do Brejo do Salgado, em Minas Geraes (4 de Agosto de 1819).

54.—Na freguezia de N. S. de Sant'Anna, nesta Côrte (1 de Outubro de 1819).

55.—Na villa da Atalaya, na comarca das Alagoas (29 de Outubro de 1819).

56, 57 (?).—Em cada uma das villas das duas comarcas do Ceará (29 de Outubro de 1819).

58 a 65.—Na capitania de S. Pedro: uma na capital de Porto-Alegre, outra na villa do Rio Grande, outra na villa do Rio Pardo, outra na villa de Santo Antonio, outra na freguezia de S. Francisco de Paula no Paço Rico, outra na freguezia da Cachoeira, outra na freguezia do Triumpho e outra na Provincia de Missões (14 de Janeiro de 1820).

66.—No arraial de Sant'Anna do Sacramento do Angical e Julgado de Campo Largo e seu termo, da comarca do Sertão de Pernambuco (17 de Fevereiro de 1820).

67.—No Julgado de S. Romão, comarca de Paracatú, da capitania de Minas Geraes (17 de Março de 1820).

68.—Na villa de Nova Friburgo, na Provincia do Rio de Janeiro (3 de Junho de 1820).

69.—Na freguezia de S. Boaventura de Cannavieiras, da comarca dos Ilhéos, na Bahia (17 de Outubro de 1820).

Na revisão minuciosa que fiz encontrei 69 escolas, numero que eu havia calculado em «mais de 50» na synopse publicada na revista de Junho.—F. C.»

A escola primaria em Minas

O professor primario

—«Entrae ! a escola é cathedral, egreja ;
Hostia—a sciencia ; o mestre—sacerdote.

Respeitado e com justiça venerado é o mestre, esse abençoado guia da mocidade, esse incançavel cultor das intelligencias. Carinhosamente, elle recebe, no seio da escola, a criança ignorante, com o intellecto envolto em trevas, e com amor procura fortalecer-lhe o espirito, illuminar-lhe o cerebro embryonario.

O professor é, para o alumno, quasi o que o pae é para o filho : pois, como o pae, elle procura leval-o para a santa estrada do bem, dando-lhe bons exemplos e conselhos. A sua vida é cheia de lutas e sacrificios, que quasi nunca se corôam de recompensas. E, assim, lutando e soffrendo, vae elle semeando o bem, esparzindo luzes, emquanto que em sua alma pairam as densas trevas de um soffrer immenso.

Como trophéos de sua luta, sem trevas, vem prematuramente as rugas e os cabellos brancos, sulcando-lhe as faces, alvejando-lhe a fronte.

E, enquanto um artista feliz colhe louros, ou um cerebro robusto, por desvendar arcãos, se cobre de glorias, o pobre mestre, que lhes trilhou a senda, jaz no obscurantismo e, muitas vezes, na miseria, tendo como unica recompensa os applausos de sua consciencia.

Santa missão é essa, cuja divisa é semear sempre o bem e colher com resignação, as mais das vezes, amargas ingratidões.

Marianna Ernestina Corrêa.

(Prof. do grupo escolar de Passos)

—Minas.

Bibliographia

Recebemos :

ANTONIO RIBEIRO DE CASTRO LOPES.
*O ensino de numeração pelo contador meca-
nico*. Rio de Janeiro. 1921. E' um util li-
vrinho, despretenciosamente feito e que,
com certeza, encontrará a melhor acolhi-
da entre o proessorrdo das nossas esco-
las primarias.

REVISTA NACIONAL. Anno I n.º 3. O
presente numero desta excellente revista
editada pela Companhia de Melhoramen-
tos de São Paulo, tem o seguinte summa-
rio: Velha moda; Transformação do sce-
nario de 7 de Setembro, pelo Dr. Affon-
so d'E. Tonny; Senador Nicoláo Perei-
ra de Campos Vergeiro, por Djalma Tas-
jaj; Renovação da nossa historia, por
Rocha Paulo; Poesia Caipira, por Ama-
deu Amaral; Techrologia portuguez e
economia politica, por Felix C. Rodri-
gues; O aprendizado activo, por José
Ribeiro de Escolar; Conferencia inter-
estadual de Ensino Primario, por A. de
Moura; No Estado de São Paulo; Dos
museus de Historia natural do Brasil, por
F. Hoehve; A biologia do genero Crato-
somas, por Gregorio Bardar; Catalogu-
ção systematica; por Alfredo G. dos San-
tos Diniz; Bibliothecas, por A. Campos
Filho; O mez historico.

—»O«—

EXPEDIENTE

«A Escola primaria» circulou em
todo o Brazil.

Os pedidos de assignaturas devem

vir acompanhados da respectiva impor-
tancia e endereçados á

Redacção da «Escola Primaria»
Rua Sete de Setembro, 174—1º andar.

As collecções dos annos anteriores,
de 1916-1917, 1917-1918, 1918-1919 e 1920
1921, são vendidas na mesma redacção
ao preço de 15\$000 cada anno, em avul-
sos, e 18\$000, em volumes encadernados.
Os pedidos de collecções, pelo correio,
deverão vir acompanhados da respectiva
importancia e de mais 1\$000 por collec-
ção annual, para o registro postal.

Os numeros avulsos dos annos de
1916, 1917 1918, 1919 e 1920 serão ven-
didos na redacção, pelo preço de 1\$500
exemplar.

Os pedidos de numeros avulsos,
Pelo correio, deverão vir acompanhados
da respectiva importancia e mais o valor
dos sellos para expedição, á razão de 10
réis por exemplar.

Aos professores primarios que toma-
rem desde já a assignatura do anno de
1922-1923 d'«A escola Primaria» ofere-
cemos, a titulo de bonificação, um aba-
timento de 50% nos numeros 10, 11 e 12
(Novembro, Dezembro e Janeiro), que
faltam para completar o 5º anno da re-
vista.

Para esse fim, deverão os srs. profes-
sores remetter-nos, além da importancia
de 9\$000, correspondente á assignatura
do anno, mais 2\$000 pelos quatro nume-
ros avulsos.

Pedimos aos nossos assignantes o
obsequio de nos enviarem, por escripto,
tanto as communicações de mudanças de
endereço, como quasquer reclamações
relativas á remessa da revista.

Os Snrs, assignantes, annunciantes e
quaesquer pessoas que tenham negocios
a tratar com a administração desta revista
poderão procurar o gerente na redacção,
das 15 ás 17 horas, nos dias uteis.

II-A ESCOLA

Lições sobre synonymos

Ha muito vem alguém convidando-
me a colaborar na revista «A Escola Pri-
maria». Por escacez de tempo, não o
tenho feito. Mas, em assistindo uma aula
dada sobre synonymos, consternou-me
em excesso o modo pelo qual foi dada
—confusa e em nada aproveitavel a
criança.

Por essa razão, escrevi para as noveis
professoras o seguinte :

Começo a dizer as noveis collegas
que, ao darem qualquer aula, não pre-
scindam das acções—Motivar, explicar,
precisar, verificar.

Com essas acções terão sempre exito
no que ensinarem.

Ensinar synonymos !

E' bem pouco frutuoso o modo
como o fazem por ahi.

Dizem, por exemplo, ao encontrarem
a palavra *Morrer*—synonymos : perecer,
fallecer. E nada mais. Nada explicam
sobre o modo de os empregar. Fazem o
ensino com muita superficialidade, mas sem
profundidade e sem comprehensão.

Dahi o emprego das palavras sem
propriedade, sem sentido, o amontoado
de termos, interpretações fantasticas, e o
acervo de tolices e impropriedades das
provas escolares.

As palavras são vihinculos de idéas ;
é preciso que circulem carregadas da
materia que convém.

Mas... Como ensinar synonymos
ás crianças ? Como fazel-as comprehen-
der os differentes matizes ? Como in-
duzil-as a empregar-os com propriedade
e justeza ?

Bem facilmente. Narrando-lhes his-
torias em que venham elles empregados
com a divida lucidez.

Eis um modelo de aula sobre syno-
nymos :

1º) *Motivar a lição.*

HISTORIETA

Em caminho para a escola viu Maria
que curvada anciã encontrava difficuldade
em abrir a porta, por sobraçar diversos
volumes.

Maria aproximou-se, pediu licença,
e abriu a porta. Pouco além, vê um cego
tateando a calçada, como que buscando
descida. Maria saúda-lhe, pede-lhe a mão,
e condu-lo. Depois, segue para a escola,
muito satisfeita, altiva, sem presumpção,
sem vaidade, sem orgulho.

2º) *Explicar.*

Maria é menina complacente, por ser
prestativa. Vive alegre, por cumprir sem-
pre o dever, por isso ella é altiva. Sabe,
porém, que não é a unica cumpridora dos
deveres. Não é, pois, presumpçosa. Não
procura ser admirada por cumprir o de-
ver—não é, pois, vaidosa. Tambem, não
se suppõe superior a ninguem—ella não
é orgulhosa.

3º) *Precisar*

Quaes as qualidades de Maria ? Por
que Maria é complacente ? Jorge, você é
complacente ? Por que o é ? Carmen,
quando é que se diz que uma pessoa é
complacente ? Por que na historieta diz
que Maria é altiva, Nair ? Por que Maria é
altiva, Esther ? Anahid, você é altiva ? Por
que ? Altivez será sentimento nobre, Ri-
cardina ? Maria, a menina da historieta é
presumpçosa, Ernestina ? Por que não o
é ? Haverá na classe alguma menina
presumpçosa, Diva ? Quando é que se
qualifica uma pessoa de presumpçosa,
Sylvia ? Presumpção é sentimento nobre
ou mesquinho, Jorge ? Adelia, quando é
que se chama uma pessoa de orgulhosa ?
Maria é orgulhosa, Nair ? Por que ? Or-
gulho é qualidade ou defeito, Ricardina ?
Devemos ter orgulho, Esther ? Por que
não devemos ter esse sentimento. Esnes-
tina ?

4º) *Verificar.*

Mandar os discipulos escreverem
phrases completas e longas, empregando
os synonymos — *Altivez, Presumpção,
Vaidade, Orgulho* ou *Altiva, Presumpço-
sa, Vaidosa, Orgulhosa.*

Si fizerem a lição qual a minha in-
dicação, garanto ás noveis professoras

exito no ensino de synonymos, na riqueza de vocabulario, no emprego proprio da palavra, na perfeita compressão do sentido. A lição terá superficie, fundo, comprehensão e incluirá, em si, uma lição de moral.

A antiga mestra :

Cruz de Malta.

—»O«—

IDÉAS ALHEIAS...

A Assistencia Escolar

(Formemos uma opinião publica em prol da obrigatoriedade escolar)

Não considero indispensavel a sanção de uma nova lei para combater a desercção escolar.

Diz-se e escreve-se que a obrigatoriedade escolar deve ser uma realidade, que ella constitue uma questão vital para o paiz. Parce-me estar a ouvir um enfermo que se queixa de um mal de que se não quer curar. Si em verdade, todos os que falam sobre a frequencia escolar fossem um pouco sinceros, cada communa não fardaria em contar com um grupo de amigos da escola, que conseguiria persuadir as familias e as municipa-

lidades. Quer-se esperar a soluçção com um novo texto de lei ! Ah ! uma lei não surte todos os seus effeitos si a opinião publica não impõe a sua applicação. Emquanto esta opinião não for favoravel á assiduidade escolar, é muito para recear que a nova lei seja tão inefficaz como a antiga. Á falar a verdade, as queixas contra a lei só servem de desculpa á indolencia individual : em uma verdadeira democracia, a iniciativa dos cidadãos não necessita da lei para agir, especialmente quando se trata da educação popular.

(Extracto do *Relatorio Annual do Inspector da Academia do departamento de Gers, França.*)

(A influencia do Mestre)

E' justo registrar que em muitas communas ruraes os paes fazem todo o possivel para que seus filhos recebam os beneficios da instrucção.

Emquanto os meninos e meninas empregados nos trabalhos de campo dispõem de um momento livre, concorrem á classe, durante uma hora, ou menos, ás vezes, a não ser para tomar nota das lições ou dos deveres do dia seguinte.

Neste ponto de vista, dizo Inspector Primario de Cognac, observam-se notaveis

O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradavel e de effeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E' preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anchylostomo.

Mas ainda mesmo quando as crianças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em crianças e adultos. Não tem dieta.

A' venda nas principaes pharmacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo Correio, 3\$500. Deposito geral: Rua Uruguayana N. 66. Perestello & Filho.

differenças, em um meio identico, entre uma e outra communa.

A acção pessoal do mestre é, a este respeito, consideravel.

Tal mestre modifica as horas de entrada ou de sahida e sabe fazer concessões ha-beis para salvaguardar o interesse da criança.

Tal outro não vacila augmentar a sua tarefa, para que os alumnos maiores possam continuar a instruir-se, já organizando classes

da manhã, das sete ás oito e um quarto, ou seja de tarde, das dezesete as dezenove, para dar cursos especiaes aos alumnos que trabalham no campo; tres desses alumnos puderam assim obter o certificado dos estudos primarios.

(Extracto do *Relatorio do Inspector da Academia do Departamento da Charenta França.*)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

VERA CLESER — O Lar Domestico.....	4\$500	ALFREDO GOMES — Grammatica Portugueza....	5\$000
F. FERREIRA — Noções de Vida Domestica.....	1\$300	HEMETERIO DOS SANTOS — Grammatica Portu- gueza.....	3\$000
MIGUEL MILANO — O Lar.....	2\$500	JULIO RIBEIRO — Grammatica Portugueza.....	4\$000
O. SOUZA REIS — Previdencia.....	3\$000	PACHECO JUNIOR E ALMEIDA DE ANDRADE — Grammatica Portugueza.....	5\$000
F. FERREIRA — Noções da Vida Practica.....	3\$500	CARLOS GOES — Grammatica Expositiva Primaria	2\$500
MARIO BRANT — Catechismo Civico.....	2\$000	MARIO BARRETO — Novos Estudos da Lingua Por- tugueza.....	7\$000
SYLVIO ROMERO — Historia do Brasil.....	1\$500	» — Factos da Lingua Portugueza.....	4\$000
JOÃO BARBALHO — Constituição do Brasil.....	1\$500	HERACLITO GRACA — Factos da Linguagem.....	4\$000
RODRIGO OCTAVIO — Festas Nacionaes.....	1\$500	PACHECO JUNIOR — Fromptuario do Escriptor... ..	1\$000
R. PUIGGARI — Coisas Brasileiras.....	3\$000	PAULINO DE BRITO — Brasileirismos.....	1\$000
J. J. DA ROCHA — Fabulas.....	1\$000	CARLOS GOES — Dicionario de Gallicismos.....	4\$000
R. THEOPHILO — Sciencias Naturaes em Contos..	2\$000	CASTRO LOPES — Neologismos.....	3\$000
GABRIELA FRANÇA — Contos Brasileiros.....	1\$000	» — Origem dos Annexins.....	3\$000
E. M. A. — Passatempo Infantil.....	1\$500	JOÃO RIBEIRO — Frazes Feitas, 1ª serie.....	2\$000
BILAC E BOMFIM — Atravez do Brasil.....	4\$500	» — » — 2ª ».....	2\$000
FABIO LUZ — Leituras de Ilka e Alba.....	2\$500	JOSE' VERISSIMO — Historia da Literatura Brasi- leira.....	10\$000
CHRYSANTHEME — Contos para Creanças.....	3\$500	CHICHORRO DA GAMA — Miniaturas Biographicas	2\$500
JOÃO RIBEIRO E GABAGLIA — Exame de Admis- são para os Gymnasios.....	3\$000	COELHO NETTO — Compendio de Literatura Bra- sileira.....	4\$000
COSTA BRITO — Exercicios de Analyse.....	1\$500	AZEVEDO COIMBRA — Arithmetica Elementar....	1\$000
CARLOS GOES — Methodo de Analyse.....	4\$000	LINDOLPHO GOMES — Primeiros Exercicios de Ari- thmetica.....	1\$000
» — Syntaxe de Concordancia.....	4\$000	MARCONDES PEREIRA — Noções de Arithmetica..	1\$000
BILAC E BOMFIM — Livro de Composição.....	4\$000	AZEVEDO PINHEIRO — Arithmetica para Creanças	1\$000
ALFREDO GOMES — Exercicios de Composição....	3\$000	COUTURIER — Arithmetica da Infancia.....	5\$000
BELLEGARDE — Vocabulos e Locuções da Lingua Portugueza.....	1\$500	BEZOUT — Elementos de Arithmetica.....	2\$000
FELISBERTO DE CARVALHO — Exercicios da Lin- gua Portugueza.....	1\$000	THIRÉ — Arithmetica dos Principiantes.....	1\$500
COSTA E CUNHA — Grammatica, 1º grão.....	1\$000	» — Arithmetica, curso medio.....	2\$000
HILARIO RIBEIRO — Grammatica Elementar.....	1\$500	» — Arithmetica Gymnasial.....	5\$000
MENEZES VIEIRA — Grammatica Portugueza.....	1\$500	BAPTISTA FRANCO — Expositor de Arithmetica..	2\$500
FELISBERTO DE CARVALHO — Grammatica Por- tugueza.....	1\$500	A. TRAJANO — Arithmetica Primaria.....	5\$000
COSTA BRITO — Grammatica Portugueza.....	3\$000	» — Arithmetica Elementar.....	2\$000
ADELIA ENNES BANDEIRA — Grammatica Portu- gueza.....	2\$000	» — Arithmetica Progressiva.....	5\$000
JOÃO RIBEIRO — Grammatica da Infancia.....	1\$500	J. J. L. VIANNA — Arithmetica.....	4\$000
» — Grammatica, 2º anno.....	2\$500	A. TRAJANO — Chave da Arithmetica Progressiva.	1\$000
» — Grammatica, 3º anno.....	3\$500		
ANTONIO TRAJANO — Lingua Vernacula.....	2\$000		
VERISSIMO VIEIRA — Grammatica Preliminar....	2\$000		
» — Grammatica Elementar.....	2\$500		
» — Grammatica Complementar.....	3\$500		
M. MACIEL — Lições da Lingua Portugueza.....	2\$000		
» — Grammatica Descriptiva.....	5\$000		

Remettemos o nosso catalogo, gratis, para todo o Brasil

III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

LINGUA MATERNA

3º Anno

Thema: A avosinha

Imaginar uma casa situada no centro de um jardim, ladeada por uma varanda.

Nesta, sentada em uma cadeira baixa, uma velhinha sirze meias. Sua netinha, de nove annos de idade, sentada no patamar da escada, lê um livro. No chão, junto á cadeira da avó, está um cesto de costuras. Mimoso, o gatinho da casa metteu-se no cesto, e vira-o, fazendo rolar no chão os apetrechos de costurar. A menina acha graça na travessura do bichano, mas apressa-se em reunir os objectos dis persos, para que a vóvó não se aborreça.

Observações para o mestre

Chamar a atenção das crianças para a casa a ser descripta, que não é um casebre, mas uma vivenda confortavel e de boa apparencia.

Fazer-as observar a posição da velhinha a serzir meias; que ella usa oculos e tem as costas curvadas, devido á avançada idade; que, por isso mesmo, não se pode occupar com trabalhos que exigem grande esforço physico.

Aproveitar o ensejo para salientar os sentimentos de carinho, respeito e obediencia que as crianças devem dispensar aos velhos.

Guiar os alumnos na descripção da velha e da menina. Fazer-os citar os objectos que o cesto continha, Falar sobre a utilidade e as manhas do gato; os cuidados que devemos ter quando brincamos com este animal. Aproveitar a oppor-tunidade para dizer a que classe, a que ordem e a que familia pertence o gato. Deixar que as crianças a descrevam com as côres que quizerem e lhe dêem cada qual um nome.

Salientar os bons sentimentos revelados pela menina, quando, com solicitude, recolheu ao cesto os objectos dispersos no chão.

Questionario

Crianças, descrevei a casa da avosinha. Que apparencia apresenta? E' grande? Que é que

lhe dá um aspecto pittoresco? O jardim está bem tratado? De que lado da casa está situada a varanda? Quantas pessoas nella se vêm? Quem está sentada na cadeirinha? Como se chama como está vestida e que trabalho executada? Por que procurou a varanda para esse fim? Por que usa oculos? Seus cabellos são pretos? E a sua pelle é lisa, como a vossa? Por que? Como se chama a menina? Como está vestida? Descrevei o seu physico. Onde está sentada e o que faz?

Como se chama o gatinho? A que classe, a que ordem e a que familia pertencem os gatos? Que faz elle quando está contente? E quando zangado?

Que fez a netinha quando viu o cesto virado no chão? Procedeu bem? Por que?

Como devem ser as crianças para com os velhos...?

4º e 5º Annos

Elocução

Por que estás triste Julia?... A mamãe reprehendeu-te. Ella não fez, certamente, sem motivo justificado; as mães são sempre indulgentes, meigas e carinhosas; só se zangam com os filhos quando estes praticam um acto censuravel, uma acção contraria ás normas do bom senso e da boa educação. Estás naturalmente arrependida e pesarosa, por haveres aborrecido a mamãezinha, não é assim? Tens razão para ficares contristada, porque, quem deixa de cumprir o seu dever, vendo-se accusado pela propria consciencia, sente o coração confrangido pelo remorso. Não chores, porém, procura, antes, seguir á risca os conselhos da tua boa mãe, para te não tornares reincidente em faltas que a contrariem.

Meus amiguinhos, procurai, quando errades, imitar o procedimento de Julia, que, não obstante haver commettido uma falta, della está perfectamente redimida, rehabilitada pelo arrependimento sincero que seu coração de filha affectuosa experimenta, provando-o as lagrimas que lhe escorrem pelas faces.

Como devem, pois, proceder as crianças para

dar alegria aos paes?... Devem ser docéis e obedientes. Ouvir com attenção e amor os conselhos dos paes e as lições dos mestres, pois, a submissão e a obediencia são a base da sabedoria e da felicidade. O indocil, o rebelde, nada pode aprender.

Que analogia ha, porém, entre as palavras docil, submisso e obediente?

—Ha analogia de sentido.

—Que familia de palavras formam ellas, portanto?

—Formam a familia das palavras synonymas.

—Por que?

—Porque têm a mesma significação.

—Que é, porém, a criança que procede de modo contrario á submissão, á docilidade, e obediencia?

—E' desobediente, indocil, rebelde, insubmissa.

—Estas palavras são synonymas tambem. Mas, obediente e desobediente, docil e rebelde, submisso e insubmisso, a que familia de palavras pertencem?

—A familia das palavras por opposição de sentido, isto é, á familia das palavras antonymas.

—Sabeis, agora, por que deveis ser obedientes; por que os paes e os mestres aconselham as crianças que sejam docéis, obedientes, submissas?... Para que se tornem boas, porque a sua inexperiencia as leva muitas vezes á pratica de um acto reprovavel, na ignorancia quasi sempre do mal que delle possa advir. Não vos esqueçais, nunca, do seguinte conceito: «A criança que desobedece a seus paes se priva de seus guias naturaes. E' o mesmo que se tornar orphão por sua propria vontade». E os paes e mestres, aconselhando e reprehendendo, só procuram desenvolver as boas tendencias, os pendores para a pratica do bem, e destruir, assim, as más inclinações, nascidas, quasi sempre, do máo exemplo das más companhias. E' dever sagrado de todos nós seguir os conselhos dos que mais sabem, dos que se esforçam por nos transmitir qualidades que nos elevam e que nos farão felizes.

Mas, que exprimem as palavras docil, obediente, submisso?

—Qualidades.

—Quando digo—menino docil—qual é a palavra qualificada?

—Menino.

—E a que qualifica?

—Docil.

—Como deverá ser analysada a primeira?

—Substantivo commum, concreto.

—E a segunda?

—Adjectivo qualificativo.

—Mas, todos os meninos são docéis?

—Não.

—Como se chamam os adjectivos qualificativos que indicam uma qualidade accidental?

—Restrictivos.

—Docil é, por isso, um adjectivo qualificativo restrictivo. Qual é o plural de docil?

—Docéis.

—Todas as palavras terminadas em *il* formam o plural em *eis*?

—Não, só as terminadas em *il* breve.

—E as terminadas em *il* longo?

—Formam o plural mudando o *il* em *is*.

—Conheceis um substantivo derivado de docil?

—Docilidade.

—Que especie de substantivo é?

—Commum e abstracto.

—Quem será capaz de citar um verbo derivado de docil?

—Docilizar.

—Que significa?

—Tornar docil.

(A professora fará conjugar os tempos desse verbo).

—Si os máos exemplos são perniciosos, que deveis fazer para que não sejaes induzidos á pratica de actos censuraveis?

—Evitar as más companhias.

—Sim; evitaí os máos companheiros, não vos torneis amigos dos alumnos preguiçosos, insubordinados, reincidentes na pratica de delictos, no commettimento de acções reprehensíveis. Attendei á sabedoria da maxima: "Um máo companheiro é aquelle que nos pede ou nos aconselha aquillo que não ousa pedir ou aconselhar perante os mestres ou perante os paes". Sabeis que quer dizer—acção reprehensivel?... E' a acção que merece reprehensão; isto é, censuravel. Reprehensivel e censuravel têm a mesma significação, são, por isso?...

—Synonymas.

—Como formam plural estas duas palavras?

—Mudando a terminação *el* em *eis*.

—Dai-me um antonymo de reprehensivel.

—Irreprehensivel.

—E de reprehender ?
 —Louvar.
 —Como se chama o acto ou effeito de reprehender ?
 —Reprehensão.
 —As palavras que envolvem reprehensão, que reprehendem, que são ?
 —Reprehensivas.
 —Muito bem ; taes foram as palavras que a mamãe de Julia lhe dirigiu, como censura ao seu acto irreflectido. E quem profere palavras reprehensivas, quem reprehende, torna-se... ?
 —Reprehensor, ou reprehendedor.
 —Assim, me torno quando, para manter aqui a disciplina, tenho necessidade de reprehender os alumnos que incorrem em falta. Quantas vezes interrompo uma explicação importante, para chamar a attenção de um alumno distraído ?
 E quando isso faço, de que modo falo ?
 Sim, de um modo reprehensivo, isto é, reprehensivamente.
 Que semelhança ha nas palavras reprehender, reprehensão, reprehensivo, reprehensivamente ?...
 —Têm todas o mesmo radical.
 —Constituem, por isso mesmo, que familia de palavras ?
 —Cognatas.
 —Por que será que o professor reprehende os alumnos desattentos ?
 —Para que possam comprehender e assimilar os seus ensinamentos.
 —Deveis, então, queridos alumnos, ser docéis, obedientes, attentos e applicados, mas, a estas qualidades outras deveis alliar, todas ellas inherentes á bondade, para que vos torneis queridos, não só dos vossos paes e mestres, como de todas as pessoas de vossa convivencia.
 Assim, sereis bons, si não mentirdes, porque a criança que não mente se serve da palavra para manifestar-se tal qual é, com sinceridade, sem embuste. A mentira é um vicio e, como tal, deve ser severamente reprimido. Consiste em affirmar como verdade o que se sabe ser falso ou, ainda, negar o que se sabe ser verdade. E assim, bons amiguinhos, para encobrires uma falta, quantas vezes mentis, julgando que, deste modo, remediareis o mal ? Não deveis pensar assim. Aquelle que pratica um mal deve confessal-o com coragem, para poder remedial-o. No mentiroso ninguem confia. Sejam

sinceros e bons, mas não o sejamos só no fundo ; é necessario que aquelles que nos cercam sintam os effeitos da nossa bondade. Para isso, cultivemos com amor e carinho as multiplas formas por que ella se manifesta. Sejamos trabalhadores ; quem ama o trabalho é honesto e progride, tornando-se util aos seus e á patria. Mas, que quer dizer honesto ?

—Probo, honrado.
 —Conheceis um antonymo de honesto ?
 —Deshonesto.
 —Citai palavras que tenham a mesma raiz de honesto.
 —Honestidade, honestamente, honestar, co-honestar...
 —Dai-me um antonymo de trabalhador.
 —Indolente.
 —E' o que não deveis ser, porque o indolente não progride, corrompe-se, degrada-se, pela ociosidade que o desvia do caminho do bem.

Sejamos, tambem, amaveis e solícitos, isto è, tratemos com affabilidade, com cortezia e com o desejo de nos tornarmos uteis áquelles que nos cercam. Façamos justiça, isto é, procuremos dar a cada um o que lhe pertence ; respeitemos os direitos alheios, assim como queremos ver os nossos respeitados. Não sejamos egoistas, isto é, não queiramos tudo para nós ; não tratemos só dos nossos interesses com prejuizo dos outros ; procuremos não prejudicar a commodidade alheia.

Qual é o sentimento contrario ao egoismo ?
 —O altruismo.
 —A pessoa que pratica o altruismo é então ?...
 —Altruista.
 —Sejamos tambem reconhecidos ao bem que nos é feito, sejamos gratos. A gratidão é um nobre dever a cumprir ; é virtude que só reside nos corações magnanimos. Magnanimo, queridos discipulos, quer dizer elevado, generoso, em opposição a mesquinho.

Mesquinho vem a ser de magnanimo ?...
 —Antonymo.
 —Não vos esqueçais, pois, dos beneficios que recebeis de vossos paes e de vossos mestres.
 A estes deveis os esforços empregados no cultivo da vossa intelligencia e na formação do vosso character ; deveis áquelles o conforto do lar, os meios de subsistencia, a roupinha asseada que vestis, o calçado e demais objectos que

usais, as noites de vigilia passadas á vossa cabeceira, os sacrificios, enfim, que por vós fazem sempre que destes dependa a vossa felicidade.

Cumpra ainda, para sermos bons, que sejamos indulgentes, para que saibamos desculpar ou attenuar as faltas alheias e não procurar aggraval-as. Mas, queridos alumnos, uma das formas mais bellas da bondade é a que nos induz a ter pena dos que soffrem, fazendo o que podemos por minorar-lhes os males. Assim procedem as pessoas caridosas, soccorrendo os fracos, os doentes, os invalidos e os desprotegidos da fortuna.

Quem é caridoso, exerce que virtude ?

—A caridade.

—A caridade, sim, que desperta em nós o puro desejo de minorar a miseria alheia, impedindo que sejamos indifferentes aos padecimentos dos nossos semelhantes. E assim devem ser todos : velhos, moços e crianças. E' caridosa a criança que não ri do desgraçado, do maltrapilho, do bebedo ; é caridoso o alumno que reparte sua merenda com o collega que a não trouxe ; revela sentimentos caritativos a criança que empresta seu livro ao companheiro que o não pode comprar ; exerce a caridade a criança que dá a um pobre o nickel que destinava á compra de uma gulodice ; pratica um acto de benemerencia a criança que procura facilitar a um velhinho tropego ou cego a travessia de uma rua movimentada ou o leito da estrada de ferro, no intuito de livral-o de um accidente presta a caridade a criança que procura defender das mãos de um malvado um animal indefeso.

Por que deve a caridade se estender, tambem, aos animaes ? Porque elles, sendo criaturas que sentem, não devem ser maltratados.

Ha mesmo um proverbio que diz : "Fazer mal aos animaes é indicio de má character."

Que deduzis deste proverbio ?... Que dá prova de ter um character máo, uma indole má quem maltrata os animaes.

Não vos esqueçais, porém, que a verdadeira caridade é a que se faz sem alarde, sem ostentação, sem apparatus ; a verdadeira caridade é modesta e occulta.

Resumamos agora :

A criança boa respeita e acata as ordens superiores ; ama a verdade e repelle a mentira ; cultiva o altruismo e combate o egoismo ; busca o trabalho e foge da ociosidade, mãe de todos

os vicios, procura ser amavel e attencioso, para não ser tachado de indelicado e incivil ; procura desenvolver os seus sentimentos de gratidão, para não se mostrar indifferente aos beneficios que lhe prestam ; procede com justiça ; pratica a caridade em suas multiplas formas ou modalidades e combate a deshumanidade.

São estas virtudes que deveis procurar desenvolver em cada um de vós, para que sejais felizes. Para a consecução de tão elevado *desideratum*, está fundada entre vós a "Liga da Bondade". Sabeis que significação tem ahi a palavra liga ?

Significa uma associação com um determinado fim. Liga exprime ainda : acto de ligar ; união, confederação entre paizes ; fita elastica que serve para impedir as meias de cair ; combinação de metaes por meio da fusão. Mas, seja qual fôr a sua accepção, tem sempre a mesma graphia e a mesma pronuncia. Como se chamam as palavras nestas condições ?

—Homonymas perfeitas.

—"Liga de Bondade" é, então, uma associação que tem por fim desenvolver no vosso espirito o culto da bondade, que despertará em todos vós o desejo de não mentir, o amor á verdade, á justiça, ao altruismo, á caridade, á tolerancia, á delicadeza e á obediencia...

Terminada a palestra, a professora dará um exercicio escripto, baseado no seguinte plano :

«Escrever a uma amiguinha sobre a instituição da "Liga de Bondade" na escola que frequentar. Salientar o fim collimado por tão altruista associação. Commentar o fim a que se destina o patrimonio da referida liga, e os artigos que estatuem os deveres dos socios.»

Descrevei-lhe o entusiasmo dos alumnos-eleitores, no dia em que se effectuaram as eleições para directora-geral e demais membros da administração. Dizei-lhe o que pensais sobre a responsabilidade de que estão investidos os socios da liga e, principalmente, aquelles que a dirigem.

Conhecedores das boas qualidades da amiga participai-lhe que tomastes a liberdade de inscrevel-a socia da liga de que fazeis parte desde a sua fundação.

Despedida affectuosa.

Tratamento : segunda pessoa do singular.

A professora lerá como complemento da orientação supra os estatutos da "Liga de Bondade", constantes dos ns. da "Escola Primaria", nos mezes de Fevereiro de 1917 e Setembro de 1918.

ARITHMETICA

— CURSO ELEMENTAR —

Ao começar o estudo da divisão, advertirá o professor que os alumnos vão aprender a realizar um trabalho sobre os numeros, uma co- operação, que talvez lhes pareça nova, o que, em tretanto, é por todos elles praticada frequentemente. Haverá aqui alguém; dirá, que não tenha um dia repartido balas, biscoutos, cartões com figurinhas, pelos seus collegas e amiguinhos?

Estou certo de que não: as crianças são sempre generosas e amáveis, gostam de dar, de presentear. Além d'isso a todo o instante ouvem dizer em casa: repartir, distribuir o serviço pelas criadas; dividir, repartir o pão pelas crianças; distribuir, repartir as moedinhas de tostão pelos pobres, etc. O que vamos aprender é simplesmente a effectuar este trabalho depressa e certo, ainda que sejam muitos os objectos a repartir ou dividir.

—Tenho aqui 12 lapis de côr para repartir com F., L., N. e B.; que tiveram nota optima em desenho esta semana. Peço a M. que os reparta, de modo a terem os quatro meninos quinhões iguaes.

Espontaneamente, o alumno indicado dá um lapis a cada um, e effectua este trabalho tantas vezes quantas fôr possível.

—Vêm todos, pois, que, si repartirmos ou dividirmos 12 lapis por 4 meninos, cada menino recebe 3 lapis. Vamos escrever isto.

A' proporção que vai escrevendo, lembra a necessidade de empregar um signal pequenino, para significar que os lapis fôram divididos, afim de se evitar, conforme viram em operações anteriores; o emprego de palavras e phrases misturadas com os algarismos.

Assim, ao invés destas palavras (aponta) emprega-se este signal (\div) e aqui adiante, onde está escripto—é o mesmo que, é igual a—já todos sabem que se escreve =

Teremos pois:

$$12 \div 4 = 3$$

isto é que—12 lapis, divididos por 4 pessoas, é o mesmo que dar 3 lapis a cada pessoa. Diz-se mais rapidamente: 12 divididos por 4 é igual a 3.

O professor toma outros exemplos, fal-os escrever no quadro, interroga os alumnos sobre o quinhão ou a parte de cada um na distribuição de pequeno numero de objectos.

Para mostrar como a taboada de Pythagoras serve para dar-nos a conhecer rapidamente

o quinhão procurado, tomará um exemplo concreto; em que os quinhões sejam tomados e novamente reunidos: Certo menino, Z, distribuiu ou dividiu 12 lapis por 4 amiguinhos, recebendo cada um 3 lapis.

Chamará um alumno a escrever no quadro

$$12 \div 4 = 3$$

—Ainda não se tinham servido dos lapis e já estavam zangados uns com os outros, de modo a exigir Z que lhe restituissem os lapis.

Tomou assim: 3 lapis do 1º menino, 3 do 2º, 3 do 3º, e 3 do 4º, juntando-os deste modo:

$$3 + 3 + 3 + 3 = 3 \times 4 = 12$$

Estes 12 lapis são os mesmos ha pouco distribuidos (aponta); este 4 (aponta) representa, como aquelle outro (aponta), o numero de meninos contemplados com os lapis e depois privados delles; este 3 (aponta) representa, como aquelle outro (aponta), o quinhão de cada menino; não ha, pois, duvida de que os numeros aqui escriptos

$$3 \times 4 = 12$$

são os mesmos escriptos acima

$$12 \div 4 = 3$$

Ora, todos sabem que é na taboada de Pythagoras que encontramos os numeros 3 e 4 com a significação de 3 quatro vezes e o resultado 12; podemos, pois, agora procurar facilmente o numero de meninos, 4, que, como sabem, deve estar na primeira linha vertical, seguir horizontalmente para a direita até achar 12; e por fim subir verticalmente, achando no extremo dessa linha o numero 3.

Fazemos, assim, o trabalho já conhecido na tabella de Pythagoras, apenas em sentido contrario.

Serão então effectuadas praticamente pequenas divisões por meio da taboada e escriptos os dados e o resultado respectivo.

Passando á divisão de um numero composto por um simples, tomará o professor um caso concreto, por exemplo:

Uma pessoa incumbida da ornamentação de 5 salas para uma grande festa recebeu 845 rosas. Quantas rosas cabem a cada sala?

—E' evidente que se trata de distribuir, repartir, dividir, as rosas pelas 5 salas. E como o numero é grande e não é possível achar de uma vez o resultado, será forçoso obtel-o por partes.

Distribuir as rosas de uma em uma seria muito moroso; mas como está aqui figurado ficarem dispostas as rosas de modo a formar 8 centenas a uma parte, 4 dezenas a outra, e por fim 5 rosas soltas, poderemos facilmente distribuil-as nessa mesma ordem.

Si temos 8 centenas de rosas e si as salas são 5, perguntará o professor, quantas centenas inteiras, completas, cabem a cada sala?

—Uma só.

—Escrevam isso. Já temos 1 centena de rosas para cada sala. Escrevam. E quantas centenas sobram?

—Sobram 3 centenas de rosas. Escrevam do lado das rosas a distribuir.

—Devemos desprezal-as? Não, de certo: as rosas fôram entregues para serem todas aproveitadas. Como temos alli (aponta) dezenas de rosas para distribuir, vamos juntar-lhes estas que sobraram da primeira distribuição. 3 centenas quantas dezenas vêm a ser?

—Trinta dezenas.

—Juntemos pois essas trinta dezenas com as quatro que alli estão (aponta) e teremos trinta e quatro dezenas de rosas a distribuir pelas 5 salas. Si não ha quem saiba responder, vamos recorrer á taboada.

Procuremos o numero 5 na 1ª linha vertical; caminhemos horizontalmente para a direita a

procurar 34. Não ha 34 nesta linha, mas sim 30 e 35. Como não ha a distribuir 35 grupos de dez rosas, eu considero apenas 30, e subindo verticalmente encontro 6. Dezenas completas, pois, só podemos dar 6 para cada sala. (Escrevam do lado das rosas distribuidas) E sobram 4 dezenas de rosas. (Escrevam do lado das rosas a distribuir) Ora, ainda ha 5 rosas soltas para distribuir; juntemos-lhes as 4 dezenas, que não devem ser desprezadas, e teremos 45 rosas. Distribuindo-as pelas 5 salas, cabem a cada sala 9 rosas.

Fica, assim, verificado que ha para cada sala 1 centena de rosas, mais 6 dezenas de rosas, mais 9 rosas, ou 169 rosas.

A recapitulação do trabalho feito e a necessidade de lhe dar um typo, de modo a evitar erros e a dar logo idéa da operação de que se trata, farão concluir a regra, formulada pelos proprios alumnos e nas condições já estabelecidas em casos analogos. Sendo preferivel deixar o caso do divisor composto para estudos abstractos, que só se podem realizar na classe immediata, fica assim encerrado o primeiro trimestre do 2º anno de estudo de arithmetica das aulas infantis.

O. C.

Parc-Royal

Especialidade
em
Uniformes e Enxovaes
para
Todos os collegiaes
A maior e a melhor casa do Brasil

O HOTEL "ELITE" DE CAMBUQUIRA

é um estabelecimento dos melhores no genero.

Edificio novo, especialmente construido para esse fim, dispõe de todas as installações para proporcionar aos seus hospedes o maximo de conforto. Propriedade de JULIO LEMOS

Sciencias physicas e naturaes

3.º ANNO

AR ATMOSPHERICO

Utilidade, propriedades e composição

P — Vamos hoje conversar sobre um corpo, sobremaneira abundante na natureza, immensamente util, e de tal forma conhecido, que estou certa de que a Mathilde irá nomeal-o, si attender á pergunta que vou fazer. Mathilde, si desta sala de aula retirássemos todos os moveis, quadros e objectos, e della nos ausentássemos, que permaneceria nella? Qual o corpo que a occupava?

A — O ar.

P — Sim, o ar; elle existe, não só aqui, mas em toda a parte. Constitue uma camada gazona, que envolve a terra, e a acompanha no seu duplo movimento de rotação e translação.

Essa immensa massa de ar que envolve o nosso planeta é que se chama *atmosfera*.

Poderá dizer-me, Izaura, que é *atmosfera*?

A — Uma grande porção de ar, que envolve a terra.

P — Qual o corpo que a constitue José?

A — O ar.

P — Exactamente.

Este corpo é tão abundante, quanto util.

Para avaliar-se da sua utilidade, basta que se saiba ser elle indispensavel aos animaes e vegetaes: sem elle não se effectua a respiração desses seres, porque a função respiratoria animal e vegetal se resume na absorpção do ar atmosferico e seu aproveitamento. Si tirássemos o ar de um aposento e nelle encerrassemos um animal, no fim de certo tempo, impossibilitado de respirar, elle se sentiria mal e acabaria por morrer, o mesmo succedendo a qualquer vegetal. O ar é, portanto, elemento essencial aos seres vivos.

Por outro lado: espalhando este corpo por toda a terra, representa papel importante nos differentes phenomenos naturaes.

E' assim que o ar, quando humido, favorece a decomposição dos corpos, e, quando secco, contrariamente, evita a putrefacção, o apodrecimento. E' o ar que movimenta as aspas dos moinhos, chamados *de vento*, e entumece as velas das embarcações.

E', pois, como vêm, innegavel e immensa a utilidade do ar. Tal corpo merece, portanto, ser estudado e conhecido. E' o que vamos fazer, começando por investigar as suas principaes qualidades, *propriedades*.

P — Heloisa, esse corpo, o ar, que nos cerca e acompanha, é percebido por nós, é visivel?

A — Não.

P — E como se chama o corpo que não é visivel?

A — Invisivel.

P — E' esta uma propriedade do ar; elle é *invisivel*.

Ora, o corpo que não é visto, não pode ter côr e é, por conseguinte... Marita?

A — Incolôr.

P — Nova propriedade do ar: ser *incolôr*.

Precisamos fazer aqui uma observação relativa a essas primeiras qualidades referidas.

Invisivel e incolôr é o ar, quando em pequena quantidade. Em grandes massas, porém, é percebido, e se nos apresenta azulado. E' azul o firmamento, porque azues são as grandes camadas de ar.

E' opportuno dizer que, sendo invisivel o ar, elle, no entanto, nos pode ser sensivel. Assim, Murillo, si soprases sobre a palma da mão, sentirás a presença do ar?

A — Sim.

P — Tambem nos apercebemos delle, quando se movimenta, quando grandes massas aereas se deslocam, constituindo o *vento*.

Em resumo, pois, o vento é produzido pelo ar em movimento.

Uma outra propriedade importante do ar é a *transparencia*.

Sim, o ar deixa-se atravessar pela luz e ver atravez delle, e os nossos olhos contemplam objectos delle separados por immensa porção de ar, sem o perceber. O ar portanto, possui essa propriedade de ser atravessado pela luz e deixar ver atravez, e por isso diz-se, que elle é um corpo... João?

A — Transparente.

P — Recapitulando, as propriedades do ar, Octavio, você dirá que elle é um corpo...

A — Invisivel, incolôr e transparente.

P — Passemos a procurar conhecer quaes os mais importantes dos corpos que o compõem.

E' o ar composto de varios gazes, sendo principaes: o *oxygenio* e o *azoto*. Esses corpos, de igual importancia, exercem, entretanto, acções diversas e oppostas.

O *oxygenio* é um gaz que activa muito

a respiração; si elle existisse só na atmosfera, os seres vivos não resistiriam á sua acção violenta. Assim, si collocássemos um passaro dentro de uma campanula de vidro, onde só houvesse *oxygenio*, observaríamos que, em pouco tempo, ficaria tonto, começaria a debater-se e, por fim, morreria. A acção deste gaz é notavel favorecendo as combustões.

Combustão nada mais é que uma queima, chamando-se *combustiveis* os corpos que queimam, como o kerozene... que mais Jayme?

A — A lenha, o carvão, etc.

P — De tal forma o *oxygenio* é favoravel ás combustões, que, introduzindo num tubo que contenha *oxygenio* uma vela, tendo um ponto em ignição, isto é, um pequeno ponto acceso, a queima se faz rapidamente e logo a vela apresenta uma chama viva e intensa.

A natureza, sempre previdente, collocou ao lado deste gaz, tão excitante, um outro que lhe modera os effectos: o *azoto*.

O *oxygenio* é um gaz que excita ou... Helena?

A — Excitante.

P — E o *azoto* modera a acção do *oxygenio* e é um gaz moderador.

Além do *oxygenio* e do *azoto*, merecem menção, como formadores do ar atmosferico, o *vapor d'agua*, que é abundantissimo, constituindo, nas altas camadas da atmosfera... Nair?

A — As nuvens.

P — ... e o *gaz carbonico*, nocivo ao homem. Este gaz é prejudicial aos animaes, tanto que, na respiração, em quanto retemos o *oxygenio* do ar, expellimos o *gaz carbonico*. E' este gaz abundante na natureza, havendo delle grande formação, principalmente onde se passam as combustões.

Como curiosidade, direi a vocês que, em certas grutas, o *gaz carbonico* forma uma camada junto á terra, camada que, ás vezes, attinge a muitos centimetros. Os pequenos

MAPPIN & WEBB Ltd.

100, Ouvidor

RIO DE JANEIRO

JOALHARIA

Prataria, «Prata Princeza»

Objectos de arte, etc.

animas que ahi entrarem soffrerão a asphixia que esse gaz produz, e, si não forem retirados, morrerão.

E' o que succede em Napoles, cidade da Itália, onde existe uma gruta que tem uma camada de gaz carbonico superior á altura de um cão. E' por esse motivo chamada Gruta do Cão.

Recapitulando, dos principaes gazes que formam o ar, qual, Izaura, o benefico á vida, e qual o nocivo ?

A — O oxygenio é benefico e o gaz carbonico nocivo

P—Quaes os outros corpos referidos, e que compoem o ar, Elvira ?

A — O vapor d'agua e o gaz carbonico.

P — Para que o ar seja henefico ao homem, não é bastante possuir quantidade de oxygenio sufficiente, mas tambem ser puro e livre.

Quanto maior quantidade de oxygenio contiver o ar, tanto mais puro será.

Os vegetaes, por uma funcção que lhes

é peculiar, desprendem grande quantidade de oxygenio, e, por isso, purificam o ar. Por essa razão, é vantajosa a arborização das ruas, e devemos preferir habitar em lugares de vegetação abundante.

As principaes causas da impureza do ar são a poeira e fumaças que se podem evitar com as irrigações, varreduras humidas, etc.

Quanto ao ar livre, elle o é nos prados, campos, jardins, etc ; no entanto, nas aglomerações que se verificam nos theatros, cinemas, igrejas, etc. elle torna-se viciado, *confinado*, concorrendo para isso varias causas : excesso de gaz carbonico resultante da respiração de muitos individuos, abundancia de fontes de luz e calor, etc.

Como vêm, no estudo do ar, têm vovês a explicação de certos preceitos hygienicos, que lhes são repetidos constantemente por aquelles que os dirigem, e ficam portanto mais aptos a observal-os, pois já o farão conscientemente.

RUTH ANGELICA REBELLO

CASA DAS NOVIDADES

LUVARIA GOMES

Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapéos para meninas e senhoras.

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10%

38, Travessa S. Francisco, 38

MOAGEM S. RAYMUNDO



Deposito de cereaes e sal -- Especialidade em Fubás de Milho e Arroz, Cangica, Araruta e Polvilho

Movida por tracção electrica

CARYALHO LEME & C.

Telephone 799-Norte

48 RUA ACRE, 86

RIO DE JANEIRO

INDICE

A

Trabalhos

A federalização do ensino primario..... 65
 A nacionalização do ensino primario..... 105
 "A Escola Primaria".... 113, 183, 318, 350, 383
 A composição interessante para a criança — Helena..... 123
 A Nação e o ensino..... 145
 A instrução primaria nos Estados..... 185
 A lingua portugueza nas escolas primarias — Julio Nogueira..... 223
 Alexina de Magalhães Pinto — Judith Githahy de Alencastro 1
 Anormais e retardados nas escolas — Pires Ferrão..... 3
 Algumas palavras sobre a educação..... 12
 A correcção dos trabalhos escolares — Helena..... 14
 Arithmetica — O. C.... 22, 53, 96, 138, 169, 207, 240, 297, 337, 360, 400..... 426
 A Escola Mixta — Ignacio do Amaral..... 34
 A Vacinação nas escolas — Francisco Prisco..... 37
 A escolha dos problemas na escola primaria Arithmetica — Processos mentaes para resolver certos casos de multiplicação — Nadir..... 42
 A Independencia — M. A..... 134
 A comemoração do centenario nas escolas primarias..... 249
 A nossa independencia — Pedro do Coutto 255
 A União e o ensino primario — Augusto de Lima..... 258
 A proposito de uma reforma de instrução — Myrthes de Campos..... 278
 A diffusão do ensino primario..... 313
 A Historia Natural do Dr. Waldemiro Potsck..... 319
 A lingua portugueza nas escolas primarias..... 352
 A disciplina na escola — Helena..... 325
 A federalização do ensino primario — Carlos Rocha Brandão..... 348
 A «Escola Primaria» em Minas — Mariana Ernestina Corrêa..... 420

Autores

Antonio S. Cabral — Máos..... 81
 Alayde Alqueres — Hygiene..... 101

Alfredo Balthazar da Silveira — Instrucção moral e civica.... 129, 161, 197, 229, 327, 355
 Amynthas — Numeros abstractos e concretos..... 193
 Anna Queiroz Lopes — Pratica da lingua-gem..... 9
 Azurita R. de Britto — Sciencias physicas e naturaes..... 24
 A. A. — Hygiene..... 29
 Augusto de Lima — A União e o ensino primario..... 258
 Affonso Penna Junior—Em pról do ensino primario..... 268
 A. Alvim — Liga da Bondade..... 272
 Alfredo Balthazar da Silveira — Um precursor da independencia..... 274
 A. Joviano — Objecto indirecto..... 282
 Azurita R. de Britto — Escolas maternas e suas vantagens..... 382

B

Trabalhos

Bibliographia..... 73, 116, 150, 188, 221, 280, 351, 386..... 420

C

Trabalhos

Correspondencia..... 73, 116, 153, 189, 221, 280, 320, 351..... 386
 Cartas serranas — Maria Stella..... 75, 154 285
 Classificação das operações mathematicas H. J..... 119
 Classe maternal — Zuleida Godinho Recife..... 246, 302, 365
 Correcções — E. Lara..... 395

Autores

Carlos Góes — Educação do homem e do cidadão..... 131
 Clotilde Carneiro—Potenciação..... 226
 Celina Padilha — Sciencias physicas e naturaes..... 242, 402
 Clotilde Piquet Carneiro — Geographia.... 340
 Carlos Rocha Brandão — A federalização do ensino primario..... 483

Carlos Rocha Brandão — Um congresso opportuno.....	70
Celeste Travassos — Phonação.....	157
Cruz de Malta — Lições sobre synonymia	421

D

Trabalhos

Divagando — Malva.....	74
Desenho — Zulmira.....	211, 339
Diminutivo — Hemeterio dos Santos.....	285
D. João VI e o ensino primario.....	76, 417

Autores

Deolinda Fernandes — Liga dos amigos da infancia	379
--	-----

E

Trabalhos

Educação do homem e do cidadão — Maria Reis Campos.....	16, 87, 164, 203, 331
Educação e pedagogia — Padre Francisco Azamis.....	110
Educação do homem e do cidadão — Carlos Góes.....	131
Ensinar e educar — Zulmira de Albuquerque P. da Cunha.....	149
Ensino obrigatorio — J. C. da Costa Senna Expediente.....	178, 190, 222, 281, 321, 351, 386
Educação do homem e do cidadão — Nadyr de Azevedo Amaral.....	233
Em pról do ensino primario—Dr. Affonso Penna Junior	268
Educação do homem e do cidadão.....	289
Escolas maternas e suas vantagens — Azurita R. de Britto.....	382

Autores

Esmeralda Masson de Azevedo — Uma conversa geographica.....	82
E. B. — Physica.....	98, 208, 363
Escragnolle Doria — Uma instituição do passado	111
Escragnolle Doria — Um livro de geographia.....	182
Eugenia Ferreira Soares — Sciencias physicas e naturaes	140
Eugenia Ferreira Soares — Geographia...	168
E. P. — Notas de aula.....	193
Escragnolle Doria — O fico.....	256
Esmeralda M. Pinto do Carmo — Historia	331
E. Lara — Correções.....	395
Eduardo P. C. de Vasconcellos — O ensino profissional nas escolas primarias.....	71
Ernesto Schiller — «A Escola Primaria»	183

F

Trabalhos

Fallar certo — L. de Gusmão.....	42
Federação e ensino popular—José Augusto	106

Autores

F. Cabrita — Memoravel periodo historico da instrução nacional....	6, 35, 68, 108, 148
Francisco Prisco — A vacinação nas escolas	37
Francisco Azamis (Padre) — Educação e pedagogia.....	110
Franklin Belfort de Oliveira — Uma obra patriótica.....	279
F. Cabrita — Uma nuga orthographica que me serviu de passatempo.....	349
F. Cabrita — A lingua portugueza nas escolas primarias... ..	352, 387
F. C. — D. João VI e o ensino primario...	417

G

Trabalhos

Geographia — J. G. A.....	20
Geographia — Maria Novaes Castello Branco	203, 236
Geographia—I. A. 83, 124, 159, 196, 226, 287,	326
Geographia — Judith Gitahy de Alencastro	91
Geographia — Eugenia Ferreira Soares....	168
Geographia — Episodio da independencia e suas relações geographicas.....	293
Geographia — Clotilde Piquet Carneiro...	340

Autores

G. Sumner — Physica.....	84, 126
Geremario Dantas — O ensino municipal no centenario.....	219

H

Trabalhos

Hygiene — A. A.....	29
Historia — M. A.....	18, 50, 88, 132, 165, 234, 294, 358, 399
Historia natural — Z. B. P.....	58
Hygiene — Alayde Alqueres.....	101
Hygiene — Roquete Pinto.....	128
Historia do Brasil — O. Portinho.....	200
Historia — Esmeralda M. Pinto do Carmo	331

Autores

Helena — A correção dos trabalhos escolares.....	14
Helena — Physica.....	56
H. J. — Classificação das operações mathematicas	119

Helena — A composição interessante para a criança.....	123
Helena — O escolar preguiçoso.....	194
Hemeterio dos Santos — Diminutivo.....	285
Helena — A disciplina na escola.....	325

I

Trabalhos

Instrução moral e civica — Alfredo Balthazar da Silveira. .	129, 161, 197, 229, 327, 355
Instrução civica — Dr. Soares Rodrigues	396
Idéas alheias.....	422

Autores

Ignacio do Amaral — Programmas pedantescos	2
Ignacio do Amaral — A Escola Mixta.....	34
I. A.—Geographia 83, 124, 159, 196, 226, 287,	326
Ignacio do Amaral — José Bonifacio.....	266

J

Trabalhos

Jardim de infancia — Nadyr de M. A. do Amaral.....	212, 302
José Bonifacio — Ignacio do Amaral.....	266

Autores

Judith Gitahy de Alencastro — Alexina de Magalhães Pinto.....	1
J. G. A.—Geographia.....	20
Judith Gitahy de Alencastro — Geographia	91
José Augusto — Federação e ensino popular	106
José Piragipe — Lingua patria.....	117
J. C. da Costa Senna — Ensino obrigatorio	178
Julio Nogueira — A lingua portugueza nas escolas primarias.....	223
Jardelina Rodrigues da Silva — O ensino a classe elementar.....	322

L

Trabalhos

Lingua materna....	20, 45, 92, 136, 171, 205, 238, 333, 423
Lingua patria — José Piragipe.....	117
Lições de coisas — Lucidia Costa.....	141
Liga de bondade — A. Alvim.....	272
Lingua materna — Maria Amelia Daltro dos Santos	292
Liga dos amigos da infancia — Deolinda Fernandes.....	379

Lingua materna — M. Eugenia de Alvarenga Costa.....	289
Lições sobre synonymia — Cruz de Malta	421

Autores

L. de Gusmão — Falar certo.....	42
Lucidia Costa — Lições de cousas.....	141

M

Trabalhos

Memoravel periodo historico da instrução nacional — F. Cabrita....	6, 35, 68, 108, 148
Mãos — Antonio S. Cabral.....	81

Autores

Maria Coelho Pereira — O ensino de arithmetica.....	10
Maria R. Campos — Educação do homem e do cidadão.....	16, 87, 164, 203, 331
M. A. — Historia.....	18, 50, 88, 132, 165, 234, 294, 358, 399
Myrthes de Campos — Patriotismo e serviço militar.....	44
Maria Edith Sarthou — Uma lição de historia no 3º anno.....	121
Maria Stella — Cartas serranas....	75, 154, 285
Maria Constança da Rocha — Prática do dictado	156
Maria Novaes Castello Branco — Geographia	203, 236
Myrthes de Campos — A proposito de uma reforma de instrução.....	278
Maria Amelia Daltro dos Santos — Lingua materna	292
M. A. — O Brasil e o seu adeantamento...	295
Malva — Divagando.....	74
M. A. — A independencia.....	134
Maria Eugenia A. Costa — Lingua materna	289
Maria Ernestina Corrêa — «A Escola Primaria» em Minas.....	420

N

Trabalhos

Numeros abstractos e concretos — Amyntas	193
Notas de aula — E. P.....	193
Nacionalisemos o ensino primario.....	345
Notas de historia patria — Pedro A. Pinto	411

Autores

N. C. F. — O desenho no ensino da historia do Brasil.....	8
N. — A escolha dos problemas na escola primaria.....	38

Nadyr — Arithmetica. Processos mentaes para resolver certos casos de multiplicação.....	42, 77
Nadyr de M. A. do Amaral — Jardim da infancia.....	212, 302
Nadyr de M. A. do Amaral — Educação do homem e do cidadão.....	233

O

Trabalhos

O desenho no ensino da historia do Brasil — N. C. F.....	8
O ensino de arithmetica — Maria Coelho Pereira.....	10
Organização politica do Districto Federal — Othello S. Reis.....	39
O ensino profissional nas escolas primarias — Eduardo P. C. de Vasconcellos.....	71
Os «typoás» escolares.....	110
O ensino primario em Minas.....	177
O escolar preguiçoso — Helena.....	194
O nacionalismo e o ensino primario.....	377
O centenario e «A Escola Primaria».....	217
O ensino municipal no centenario — Gernario Dantas.....	219
O Fico — Escragnolle Doria.....	256
Os precursores — Osorio Duque Estrada.....	259
Objecto indirecto — A. Joviano.....	282
O Brasil e o seu adeantamento — M. A.....	295
O ensino á classe elementar — Jardelina Rodrigues da Silva.....	322
O regato — Silva Marques.....	323
O ensino da pedagogia.....	381
Operações materiaes e recreativas.....	390

Autores

O. C. — Arithmetica... 22, 53, 96, 138, 169, 207, 240, 297, 337, 360, 400.....	426
Othello S. Reis — Organização politica do Districto Federal.....	39
O. Portinho — Historia do Brasil.....	200
Odette da Silva Oliveira — Physica.....	299
Osorio Duque Estrada — Os precursores.....	259

P

Trabalhos

Phonação — Celeste Travassos.....	157
Programmas pedantescos — Ignacio do Amaral.....	2
Pedro Lessa.....	178
Pratica da linguagem — Anna de Queiroz Lopes.....	9
Predios escolares.....	33
Patriotismo e serviço militar — Myrthes de Campos.....	44
Physica — Helena.....	56
Physica — E. B.....	98, 208, 363
Politica de instrucção publica 66, 107, 146, 181, 218, 253, 314, 346, 378.....	410
Programmas de ensino.....	409

Premios Francisco Alves.....	67
Physica — G. Sumner.....	84, 126
Pratica do dictado — Maria Constança da Rocha.....	156
Processos praticos de calculo numerico.....	224
Potenciação — Clotilde Carneiro.....	226
Programma para a commemoração do primeiro centenario da proclamação da independencia, nas escolas primarias do Brasil.....	250
Pedro 1º e a sua obra — Silva Marques.....	276
Physica — Odette da Silva Oliveira.....	299
Promoções no magisterio municipal — Venerando da Graça.....	316

Autores

Pires Ferrão — Anormais e retardados nas escolas.....	3
Pedro do Coutto — A nossa independencia.....	255
Pedro A. Pinto — Notas de historia patria.....	411

R

Autores

Roquette Pinto — Hygiene.....	128
Ruth Angelica Rebello — Sciencias physicas e naturaes.....	428

S

Trabalhos

Sciencias physicas e naturaes — Azurita Ramalho de Britto.....	24
Sciencias physicas e naturaes — Eugenia Ferreira Soares.....	140
Sciencias physicas e naturaes — Celina Padilha.....	242, 402
Sciencias physicas e naturaes — Ruth Angelica Rebello.....	428

Autores

Silva Marques — Pedro 1º e a sua obra.....	276
Silva Marques — O regato.....	323
Soares Rodrigues — Instrucção civica.....	396

U

Trabalhos

Um congresso opportuno.....	70
Uma conversa geographica — Esmeralda Masson de Azevedo.....	82
Uma instituição do passado — Escragnolle Doria.....	111
Um problema interessante.... 76, 118, 191, 323	323

Umalição de historia no 3º anno — Maria Edith Sarthou.....	121
Uma lição de historia no 4º anno — X. Y. Z.....	158
Um livro de geographia — Escragnolle Doria.....	182
Uma idéa patriotica.....	184
Um precursor da independencia — Alfredo Balthazar da Silveira.....	274
Uma obra patriota — Franklin Belfort de Oliveira.....	279
Uma nuga orthographica que me serviu de passatempo — F. Cabrita.....	349

V

Autores

Venerando da Graça — Promoções no magisterio municipal.....	316
---	-----

X

Autores

X. Y. Z. — Uma lição de historia no 4º anno.....	158
--	-----

Z

Autores

Zulmira de Albuquerque P. da Cunha — Ensinar e educar.....	149
Zulmira — Desenho.....	211, 339
Zuleida Godinho Recife — Classe maternal.....	246, 302, 365
Zulmira — Lingua materna.....	333
Z. B. P. — Historia natural.....	58

Encerrando-se com o presente

numero o quinto anno d'«A Esco-

la Primaria»), rogamos aos nossos

leitores a prompta renovação de

suas assignaturas, afim de evitar

interrupção na remessa da re-

vista.

INDICAÇÕES UTEIS

MEDICOS

Dr. Octavio Ayres. Cons. S. José, 61— 1º andar. Tel. 4625 C. Residencia : Bambina, 14—Tel. 2482, Sul.

Dr. H. Baptista Pereira. — Clinica medica e molestias dos olhos. Cons. Rua Gonçalves Dias, 61. Tel. 6132 Central.

ADVOGADOS

Drs. André Faria Pereira, Raul de Faria e

Octavio Tarquinio.— Ouvidor, 90, 1º andar, Tel. 3.258 N.

Dr. Alfredo Cesario Faria Alvim — Rua 7 de Setembro n. 174.

Dr. Virgilino da Silva Paiva — Becco das Cancellas, 11—Das 11 ás 12 e das 3 ás 5 — Tel. 6.599. Norte.

Atelier de Costura de Zulmira Cruz — Rua 7 de Setembro, 174.



MENOS TRABALHO MELHOR RESULTADO

Sua correspondencia fala por V. S., revela sua propria personalidade.

Faça-a nitida e convincente, imprima caracter e uniformidade em suas cartas, usando a machina de escrever REMINGTON com sahida automatica, que reduz o trabalho do dactylographo, reduzindo o custo da sua correspondencia commercial.

Nada lhe custa pedir-nos uma machina para experiencia, afim de certificar-se destas vantagens.

CASA PRATT

Rua do Ouvidor, 125 Telephone Norte 2020

Filiaes ou Agencias nas principaes Cidades

Chocolate e Café Só ANDALUZA

FABRICA — RUA DOS ANDRADAS, 23 — RIO DE JANEIRO



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar — O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

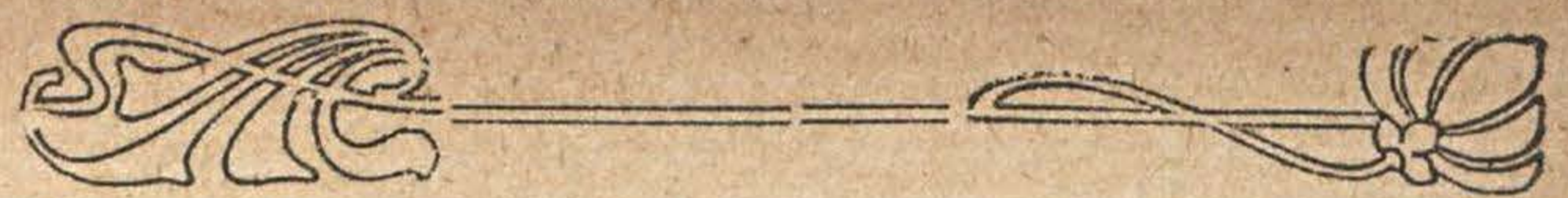
Depura — Fortalece — Engorda

PALIDEZ DA FACE

A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc., causam as senhoras a pallidez da face, tornando-as apprehensivas e tristonhas. As *Pilulas Fortificantes* do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello. São vendidas em as farmacias e drogarias. :—:

Agentes Geraes :
CARLOS CRUZ & C.
Rua São Bento, 1
Rio de Janeiro

OCULOS e PINCE-NEZ
para qualquer defeito da vista
Apparelhos Photographicos e Accessorios.
LUTZ, FERRANDO & CIA LTDA
RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO



A Dentição das Crenças



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Crença pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

Auxilie a Assistência Dentaria Grãtuita Associação Central Brasileira dos Cirurgiões Dentistas, Av. Rio Branco, 142.

S.S. White Dental Mfg. Co. of Brazil



CASA GUIOMAR Calçado dado 120, AVENIDA PASSOS, 120

ULTIMA NOVIDADE

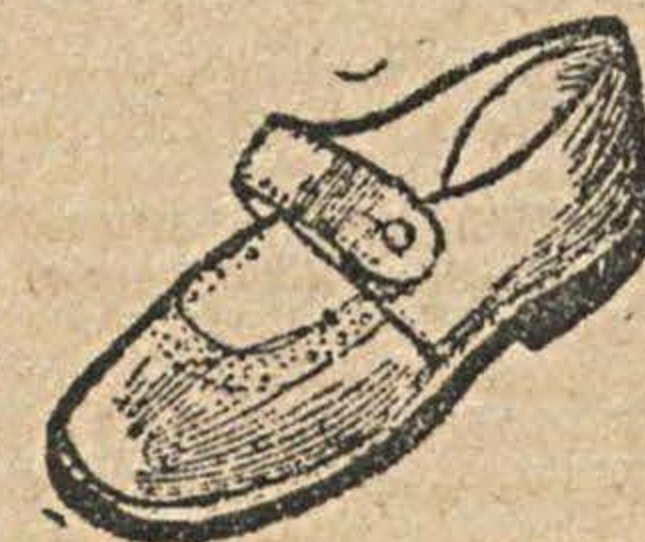


Fortissimos borzeguins em vaqueta escura, sola dupla, proprios para collegiaes.

Preços de reclame

De 18 a 26 8\$000
De 27 a 32 9\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par



Sapatos ALTIVA, em kangurú, preto e amarello, criação exclusiva da CASA GUIOMAR, recommentados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

De 17 a 25 5\$000
De 27 a 32 6\$300
De 33 a 40 8\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par

Já se acham promptos os novos catalogos illustrados, os quaes se remettem inteiramente gratis a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços para evitar extravios. Os pedidos podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do correio, dirigidos á firma Julio de Souza, successor de Graefi & Souza — AVENIDA PASSOS, 120 — RIO.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores
EXTRACTO DO CATALOGO

SABINO e COSTA e CUNHA

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$500
2º Livro de Leitura.....	\$800
3º Livro de Leitura.....	\$800
4º Livro de Leitura.....	\$800

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2º Livro de Leitura.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica.....	1\$500
1º Livro de Leitura.....	2\$500
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura.....	1\$500
Cartilha.....	1\$800
Leitura Preparatoria.....	2\$500
1º Livro de Leitura.....	3\$000
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	4\$000
Leituras Praticas.....	1\$500
Fabulas (em verso).....	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2º anno.....	2\$500
Leitura para o 3º anno.....	2\$500
Leitura para o 4º anno.....	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$000
1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura.....	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.....	1\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

Expositor da Lingua Materna.....	1\$000
Segudo Livro.....	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler.....	\$500
2º Livro de Leitnra.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$000
Excursões escolares.....	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro.....	1\$500
Vida Infantil 2º Livro.....	2\$000
Vida Infantil 3º Livro.....	2\$000

COLLEÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro.....	1\$000
Novos Principios de Leitura.....	1\$000
Guia da Infancia, 1ª parte.....	2\$000
Guia da Infancia, 2ª parte.....	2\$000
Guia da Infancia, as 2 partes.....	4\$800
O 1º livro de André 1ª parte.....	2\$000
O 1º livro de André 2ª parte.....	2\$000
Compendio de Historia Sagrada.....	3\$000
Noções de Sciencias.....	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.).....	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.).....	6\$000
E. DE AMICIS—Coração.....	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente.....	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios.....	3\$500
" " Patria Brasileira....	3\$500
" " Theatro Infantil....	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes.....	1\$500
Novos Amigos.....	2\$000
CORREIA e BARRETO—Era uma vez.	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares..	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar.....	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar	3\$500

TRANCREDO AMARAL

Livro das Escolas.....	3\$000
------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional.....	5\$000
--------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Antologia Brasileira.....	5\$000
---------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	3\$000
Selecta Classica.....	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico.	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta.....	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica.....	2\$500
OLAVO BILAC — Poesias Infantis.....	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Crianças...	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras...	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasi'